Theophilo Benedicto Ottoni

Lith. Imp.l de Rensburg

BIOGRAPHIA

DE

THEOPHILO OTTONI

POR

CHRISTIANO OTTONI

Feminis lugere honestum
est, viris meminisse.

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO
97 — RUA DO OUVIDOR — 97

1870

PREFACIO

Publicado nas folhas diarias este estudo biographico, recebi do [illegible] Sr. Dr. Martinho de Campos a seguinte reclamação a que rendo [illegible] inserindo aqui as suas proprias palavras, bem que não destinadas [illegible] dade: conto que a indiscrição me será relevada.

« A sua biographia não satisfez o meu amor e a minha viva saudade [illegible]
« nosso melhor amigo pessoal e eminente politico. Como homem publico [illegible]
« tou ao nosso Theophilo o governo que amadurece a razão dos politicos [illegible]
« a sua responsabilidade, é o complemento da sua educação, e dá o ma[illegible]
« lustre ás suas faculdades; mas a tribuna e a imprensa são uma arena po[illegible]
« só tão grande que o meu amigo teve muito que escrever e po[illegible]
« muito mais dizer. Ha porém um lado do nosso homem que o eleva [illegible]
« Foy, o grande patriota inglez, e que na sua biographia ficou, se não int[illegible]
« ramente no escuro, é certo que muito aquem da verdade, para mim q[illegible]
« nelle apreciei especialmente as grandes qualidades e bondades do coraçã[illegible]
« que o faziam tão querido e tão digno de o ser: os dotes do homem p[illegible]
« litico eram em T. Ottoni eminentissimos; mas as grandes qualidades de se[illegible]
« coração ainda eram maiores.

« Longos annos tive a felicidade de viver na sua intimidade, que era um[illegible]
« verdadeira delicia, e aquelle animo sempre igual, generoso, espirituosissi[illegible]
« mo e amigo, só se aquecia e irritava com as perfidas animosidades da po[illegible]
« litica baixa que a inveja inspira inalteravelmente a alguns gigantes dos nossos
« partidos. O biographo descreveu só o homem politico, e eu quizera o retrato
« perfeito do nosso amigo, que ninguem podia e devia melhor fazer, e podia
« mitigar as saudades que nos ficaram. »

A critica é fundada: direi a origem da lacuna. Opprimia-me, como pesadelo, um receio de suspeição: o elogio de T. Ottoni pelo seu dedicadissimo irmão e intimo amigo podia quasi parecer *louvor em boca propria*: por isso indagava de mim, a cada periodo que escrevia, se minhas asserções careciam de prova, e se podiam ser demonstradas com documentos publicos. E um tal programma naturalmente me afastou das qualidades do homem privado.

A observação do Sr. Dr. Martinho de Campos a meu ver completa o trabalho que emprehendi.

Rio 31 de Dezembro de 1869.

C. B. Ottoni.

BIOGRAPHIA

*Feminis lugere honestum
est, viris meminisse.*

I.

PREAMBULO.

O cidadão, de cujos serviços ficou privada a idéa liberal no dia 17 de Outubro ultimo, era o decano, o chefe, a alma e o conselho da familia Ottoni.

O publico aprecia devidamente a intensidade de nossa dôr, pois della se tem mostrado participante.

Apenas erguendo-me do torpôr em que me prostrou o triste acontecimento, é minha primeira occupação offerecer a meus concidadãos, em breves quadros, a vida do compatriota cuja perda lamentamos.

São apontamentos, parte importante dos nossos annaes, e que não podem ser indifferentes para a apreciação da vida politica do Brasil desde a independencia.

Sua utilidade não carece de demonstração: é a utilidade da historia patria.

Diz Tacito: « Prœcipuum munus Annalium, reor, *ne virtutes sileantur*, utque, pravis dictis factisque, ex posteritate et infamia metus sit.» Assignalar meritos e fulminar crimes são duas tarefas igualmente moralisadoras: é só da primeira que me occupo presentemente, e é a condiz com as disposições actuaes de espirito.

Fulminado no primeiro momento, acorda no deserto do desanimo sem norte e sem b sola, sinto-me, graças a Deus, entrar no perio da saudade resignada, que inspira o desejo só considerar o lado bom e consolador das cous do mundo.

Serei suspeito no assumpto que me traz á i prensa? Haverá immodestia em tecer a min penna o elogio de Theophilo Ottoni?

Talvez: mas farei uma distincção.

No que toca á honradez, ao patriotismo, á c herencia, ao desinteresse, á dedicação pela caus publica, e ainda ao vigor daquella bella intell gencia, nada poderei escrever que não seja o éc de quantos se teem pronunciado depois de su morte, e são muitos, desde o liberal mais adiantado até o mais timido dos conservadores.

Tal é o escudo a que me acolho para honrar como poder a memoria de T. Ottoni, isento do receio de qualquer declinatoria.

Quanto ás suas opiniões e apreciações politicas, devo saber expol-as, porque no essencial sempre foram as minhas; fomos solidarios *em todas as épocas* de minha modesta vida publica,

II.

PROGENITORES.

A biographia de um cidadão benemeri to não póde ser completa os exemplos que ella offerece ás gerações que se erguem não serão plenamente efficazes, se o primeiro dos quadros não fôr o da educação; quadro em cujo fundo naturalmente se destacam as figuras dos progenitores.

Algumas palavras pois ácerca dos paes de T. Ottoni; ainda que a respeito desses, pela obscuridade em que viveram, mais me exponho á nota de suspeito: eram elles—*meu pae, minha mãe*— mas eram os paes de Theophilo Ottoni.

Jorge Benedicto Ottoni, bisneto por descendencia directa e masculina do italiano Manoel Antão Ottoni, que em principio do seculo passado fôra residir em Lisboa, e annos depois se passara para o Brasil.

D. Rosalia Benedicta Ottoni, filha legitima de Manoel Caetano Maia, portuguez estabelecido desde sua mocidade na provincia de Minas.

Ambos nascidos na villa Principe, hoje cidade do Serro.

Jorge Ottoni era irmão do poeta José Eloy Ottoni, de cuja vida e poesias publicou seu sobrinho T. Ottoni em 1851 uma noticia, recebida com apreço pelos litteratos do Rio de Janeiro.

Não teve Jorge Ottoni, como seu irmão José Eloy, um curso completo de humanidades, nem o recurso das viagens e de uma visita á eterna patria da litteratura, recurso tão proprio para desenvolver e adornar o talento e o gosto: seus estudos se limitaram á cultura da lingua latina. Mas quem tratou de perto a Jorge Ottoni sabe que sua intelligencia era qual arvore frondosa que vegeta robusta, mas que para produzir delicados fructos carece de amanho e de enchertos nos jardins da sciencia.

Caracter honrado, vontade energica, dedicação nunca desmentida a seus amigos, exacto cumprimento dos deveres de chefe de familia, sentimento religioso sem fanatismo, tal era o pae de Theophilo Ottoni.

Sua mãe—minha mãe .. Eu não conheço palavras que exprimam a meu contento a veneração de que era ella o objecto entre os onze filhos que viu adultos, sendo o primogenito o de que ora me occupo.

Não conheci pessoa mais inoffensiva, esposa mais dedicada e obediente, mãe mais desvelada, alma mais profundamente crente dos dogmas religiosos.

E por essas qualidades dos progenitores se póde julgar, que educação moral recebeu Theophilo Ottoni.

E' delle que devo tratar; mas perdoem-me os leitores que eu ainda lhes falle um instante de minha mãe. Era, repito, a mãe de Theophilo Ottoni; suas qualidades não podiam deixar de influir na formação do caracter delle.

Se me demoro um pouco nesta suavissima recordação, se cedo ao encanto, á felicidade pura com que este episodio me affaga o coração, os leitores desculpem: *era minha mãe!*

Sua bondade não tinha limites: vivem muitas pessoas que a conheceram, aqui e em Minas; e não haverá dessas uma só que ao ler-me agora um sorriso de duvida ou de incredulidade.

Affirmo sob minha palavra, eu nunca tive noticia de alguem, parente ou estranho, *livre ou escravo*, que formulasse queixa contra D. Rosalia Ottoni, ou pronunciasse seu nome sem mostras de respeito.

Mas o traço principal de seu caracter foi uma fé robusta na misericordia celeste, e nos dogmas da nossa religião: crença vivissima, que nas contrariedes da vida lhe insinuava docemente resignação á vontade de Deus.

Seja-me licito narrar um incidente intimo que caracterisa aquelle espirito religioso.

Debatia-se em conversa de encher o tempo esta questão: *se mutuamente nos reconheceremos na vida eterna.* Cortou a discussão a boa velhinha, já septuagenaria, dizendo:

« Acho que não, porque o céo é logar de felicidade pura; e esta seria impossivel á mãe que verificasse não se acharem seus filhos na bemaventurança. »

A meiga senhora não era instruida; foram tavez a sua unica leitura livros de devoções: mas naquella resposta se acham estereotypados ao mesmo tempo a fé christã, o bom senso e o coração de mãe.

Ha já dez annos, subiu á mansão celeste aquella alma pura, tendo animado por oitenta e dous annos o que era da terra e voltou á terra. Se não prevalece a opinião della, que citei, terá sido premio de suas virtudes receber e abençoar no seio de Deus o seu primogenito.

Volto a este, contando com a benevolencia dos que me fizeram a honra de ler esta memoria.

III.

INFANCIA.

O Brasil já não era colonia, mas via retardado o seu progresso pelo sytema esterilisador de um governo absoluto exercido por um monarcha cioso de seu poder, suspeitoso, que prevendo e receiando a independencia calculadamente escasseava aos seus subditos a instrucção, e os privava de toda a iniciativa.

Nenhum brasileiro podia obter consideração ou prestar serviços a seu paiz senão depois de arrastar-se mezes ou annos pelas poeiras de palacio. Fóra da região do funccionalismo não havia esphera alguma de actividade publica; reinava o silencio e paz do captiveiro: e para aquella região eram unico accesso os degráos da adulação e da baixeza.

Ouvi a contemporaneos do conselheiro Mosqueira, procurador da Corôa e desembargador do paço, que este magistrado recebera certo dia um bilhete do Rei nestes termos: « Despacha favoravelmente a pretenção de F., que ha tres mezes é sempre o ultimo a beijar-me a mão. »

Sob tal governo, nenhum estimulo impellia os homens que tinham dignidade para instruir seus filhos; Jorge Ottoni, demais, com escassos meios e numerosa familia, só cuidava de crear em seu primogenito o habito do trabalho, para que um dia fosse, como foi, arrimo de seus velhos dias e de sua extremosa familia.

Ao raiar a aurora da independencia Theophilo Ottoni com quasi 15 annos (nascêra a 27 de Novembro de 1807) não tinha instrucção alguma: occupava-se em lidas commerciaes.

Mas o juramento da constituição e a inauguração da bandeira auri-verde, a independencia e a liberdade produziram nesta familia verdadeira revolução.

Jorge Ottoni comprehendeu que seus filhos tinham patria, que cumpria preparal-os para servil-a. E o unico delles que sahia da infancia sentiu expandir-se o seu talento ao bafejo da auras do enthusiasmo patriotico: deixando a carreira que encetava, teve ambição de saber e de lutar pela liberdade.

E aquelle menino de 14 annos, que mal aprendêra a ler brilhou algum tempo pelas suas composições poeticas nas festas da nossa r[illegible]ração. A esta época de sua vida alludi[illegible] mesmo na sua famosa circular aos eleitor[illegible] 1860. Dizia:

« Era o tempo das emoções patrioticas[illegible]meiro a liberdade, depois a independ[illegible] foram o assumpto de meus ensaios poe[illegible] desses communs nos verdes annos e de qu[illegible] restam vestigios nem na memoria dos au[illegible]

« Mas que obtinham applausos nas reu[illegible] enthusiasticas da época, e que assim encare[illegible] a meus olhos o pequeno cabedal de intelli[illegible]cia que concedeu-me a natureza e enraiza[illegible] no meu espirito as idéas liberaes. »

Tenho em memoria alguns versos de T. Ott[illegible] que provariam, tinha elle mais estro do que dizia a sua modestia Omittindo-os, respei[illegible] sua intenção: elle não se julgava possuid[illegible] Deus, e applicava a si com escrupulo talvez [illegible]masiado o preceito de Horacio:

.... mediocribus esse poetis
Non homines, non dii, non concessere columnæ

Corria o 16º anno de sua idade (182?) quan[illegible] encetou o estudo de humanidades; e bem q[illegible] fossem imperfeitissimos os meios de instrucç[illegible] que pôde encontrar no Serro, em 1826 vindo [illegible] Rio alargar a esphera de seus conheciment[illegible] sabia mais do que se exigia para o curso [illegible] estudos superiores a que se dedicou, e sobre tudo era distincto latinista.

Seu gosto pelas masculas bellezas da noss[illegible] lingua mãe o acompanhou até á morte, como s[illegible] vê pela felicidade das citações que abundavan[illegible] em seus discursos parlamentares.

Apreciava em alto gráo Horacio, Juvenal, [illegible] outros poetas latinos, e causava-lhe estremecimentos a concisão energica do estilo de Tacito.

Em 1828 e 1829 eramos quatro irmãos guardas marinha, estudando na academia; dos quaes só resta quem escreve estas linhas.

Jorge Ottoni Junior, official de marinha que deixou na armada excellente reputação; perguntae-o ao primeiro camarada delle que encontrardes.

Honorio Ottoni, que tendo deixado a vida militar, se fez conhecido e apreciado no commercio desta praça por sua honestidade, por sua dedicação aos amigos, por seu talento, por suas opiniões liberaes.

Theophilo Ottoni, que acabamos de perder.

Eram os tres companheiros de quem hoje para resignar-se a tantas perdas precisa ponderar que ainda tem numerosa familia, filhos para educar, e patria a quem deve os serviços que tiver opportunidade e faculdades para prestar-lhe.

Considerae a mudança radical que a revolução politica operou no animo de nosso pae, na direcção de nossa educação; e não pode deixar de occorrer-vos esta reflexão: *como poderiam os irmãos Ottoni deixar de ser liberaes?*

IV.

O ESTUDANTE, E SEUS ENSAIOS POLITICOS.

Frequentando a academia, T. Ottoni cedo se alistou na politica militante.

Frequentava as palestras de Evaristo Veiga. Collaborava na *Astrea* sob o pseudonymo *O joven pernambucano*. Correspondia-se com o *Astro de Minas* de S. João d'El Rei, e com o *Echo do Serro*, da cidade de Diamantina. Foi membro assiduo e secretario do *Club dos Amigos Unidos*, de que depois fallarei.

Deu por algum tempo lições de geometria a Evaristo Ferreira da Veiga. Como meio de ganhar o pão, abriu tambem em casa explicações de mathematica.

E tão pasmosa era a sua actividade, tão fertil o seu talento, que de taes e tantas lidas lhe sobrava tempo para estudar calculo integral, ou astronomia nautica, mantendo na academia a reputação de estudante distincto, sem emulo.

A respeito do seu primeiro exame escreveu elle mesmo:

« O acto era presidido pelo meu presado mestre o Sr. chefe de esquadra José de Souza Corrêa, o qual convidou os examinadores para não me arguirem sómente sobre o ponto sorteado, porém sim vagamente sobre as materias do primeiro anno, accrescentando a respeito do examinando palavras de tanto obsequio, que se aqui as omitto é porque o pede a modestia, não porque não me ficassem indelevelmente gravadas na memoria agradecida. »

As palavras omittidas pela modestia foram: « Estudantes como este, honram os professores e a propria academia. »

Logo depois subiu ao ministerio Diogo Jorge de Brito, caracter severo e justiceiro, que como director da escola de marinha tinha podido apreciar por si os talentos, a applicação e o procedimento do estudante; e esse honrado ministro galardoou-lhe o merito com a nomeação de aspirante graduado em guarda marinha, não concedida a outrem, antes ou depois.

Registro estas glorias escolasticas, porque tiram todo o pretexto plausivel á perseguição politica que mais tarde obrigou o guarda marinha a abandonar a carreira. Mas não antecipemos.

As lições de geometria a Evaristo foram a origem de um incidente, que em homem obscuro seria sem valor, mas que o recebe da altura a que subiu merecidamente no conceito publico o grande vulto do redactor da *Aurora*.

Evaristo, já em plena virilidade, tendo dedicado toda a sua mocidade a estudos de direito publico, não adquiriu gosto pelo das sciencias exactas, e deixou em meio caminho o seu explicador de geometria. Mais tarde, em uma de suas palestras, gracejo ou não, exclamava elle: « Para que diabo serve saber geometria? » « Serve, respondeu-lhe o Dr. França (1), para não fazer perguntas dessas. »

O club dos *Amigos Unidos* merece menção pela grande parte que teve no pronunciamento de 7 de Abril, que determinou a abdicação do primeiro Imperador.

Era uma sociedade secreta de fins exclusivamente politicos, mas com formulas maçonicas e grande cautella na escripta para resguardar seus membros da perseguição, dado o caso de apprehensão dos papeis.

Os *Amigos Unidos* agitavam o espirito publico, influiam na imprensa, escreviam, recommendavam e facilitavam leituras liberaes, defendiam seus co-religionarios, levantavam propaganda contra o mal disfarçado despotismo que nos opprimia.

T. Ottoni publicou em 1869 os nomes dos amigos unidos, que então já eram mortos, ajuntando os que falleceram depois daquella data e um dos poucos que ainda vivem; são elles, além de algum que talvez escape á minha memoria:

Theophilo Benedicto Ottoni
Antonio José do Amaral.
José Augusto Cesar de Menezes.
João Mendes Vianna.

---

(1) Pae do Sr. conselheiro Ernesto França.

João Pedro Maynart.
Antonio José Pinto.
Epiphanio José Pedrosa.
Dr. Joaquim José da Silva.
Ezequiel Corrêa dos Santos.
Antonio Rodrigues Martins.
Manoel Peixoto de Azevedo.
F. J. Pacheco.
Sabino da Silva Nazareth
Manoel Feliciano Pereira de Carvalho.
Christiano Benedicto Ottoni.

Naquella sociedade de verdadeiros amigos não fui companheiro de meu irmão de saudosa memoria, mas seu successor quando se retirou para Minas em Setembro de 1830; bem certo aliás que era incapaz de substituil-o dignamente.

Esta recordação tem para mim notavel encanto: mais de uma vez apertando a mão a algum dos raros *Amigos Unidos* que a morte ainda poupa, temos feito esta reflexão consoladora. Nenhum delles mentiu á sua fé; alguns depois deixaram de militar activamente na politica; mas nem um foi transfuga! Graças a Deus!

Fallei do despotismo mal disfarçado do primeiro reinado, e não quero merecer a nota de declamador.

A historia confrontando a tradição com os documentos da época ha de reconhecer que D. Pedro I, ou não foi sincero quando nos offereceu a constituição, ou arrependeu-se e sophismou-a.

E' da maior notoriedade que a monarchia se tornára francamente pessoal; e que se a oppolição liberal se desmandava atacando quem a lei fundamental declarara irresponsavel, S. M. I concorria para isso, aceitando ou provocando a luta e descendo á arena.

Viajando por Minas, Sua Magestade Imperial, dizem testemunhas isentas de excepção, pedia pessoalmente votos para a reeleição de seu ministro Silva Maia, que aliás não foi reeleito.

Constou e creu-se geralmente, que no abuso de suspenção das garantias em 1829 prevaleceu a vontade imperial contra objecções do ministro Oliveira Alvares. Sua Magestade Imperial empregou solicitações directas para que a camara não decretasse a accusação, como fôra proposto: lealdade para com seu ministro mas viciamento de constituição.

Militares subidamente dedicados ao In dor iam cedo encher as galerias da camar dellas arredar os liberaes, que elles freq mente provocavam e insultavam. Uma d provocações foi dirigida á minha vista a nobre irmão, que não cedeu do seu dire assistir á sessão, como pretendia o provoc

Todos os brasileiros que em 1829 tinham gado ao uso da razão devem lembrar-se da funda sensação causada em todo o Brasil explosão de despeito, com que Sua Mages Imperial encerrou a ultima sessão da 1ª leg tura, tão notavel pelo seu patriotismo e p vestigios luminosos que deixava na legisl patria.

« *Augustos e dignissimos Srs. representante nação. Está fechada a sessão!!!* »

Eu não ignoro que as fallas de abertura e cerramento são reputadas peças ministeri Mas em 1829 foi da maior notoriedade que o curso da Corôa pertencia exclusivamente Imperador, e que os ministros nem delle havi tido conhecimento prévio; não havia en quem negasse o facto: liberaes e corcundas (d nominações da época) o reconheciam sem ext nheza.

Muitos outros abusos eram tambem parte pa que a luta se travasse fóra da lettra da lei fu damental, entre a opposição e a corôa.

E dahi vinha a aberração de considerar-s traidor á sua causa todo o liberal que aceitav assento nos conselhos do poder executivo.

Eu disse fóra da lettra, não do espirito d constituição; porque sou dos que entendem qu perante ella não ha poderes irresponsaveis, co mo perante a historia não ha pessoas inviolaveis e sagradas.

Tal era o estado anomalo das cousas publicas, contra o qual trabalhava a sociedade dos *Amigos Unidos*.

Para alargar a sua propaganda fizeram-se elles iniciar, um a um, em algumas lojas maçonicas, que haviam fundado principalmente os liberaes portuguezes escapados ás forcas do *Rei legitimo* D. Miguel de Bragança. Foram essas lojas as que erigiram depois o tão fallado Oriente do Passeio, assim chamado por funccionar na casa que serve hoje ao baile do Cassino.

Commemoro aqui com satisfação, que foram especialmente os liberaes do Brasil os que fra-

ternisaram com os emigrados portuguezes, apezar de serem banidos pelo inimigo do Sr. D. Pedro IV; é que elles não defendiam D. Maria II, mas os fóros da nação portugueza.

E havia entre esses emigrados muitos que de coração lamento não ficassem no Brasil; citarei o Sr. conselheiro Alberto de Carvalho, hoje Par do Reino, que me honrou com sua amizade.

Tive a satisfação de apertar a mão a S. Ex. no dia 12 de Janeiro, no porto de Lisboa, a bordo do paquete *La Plata*, e notei commovido que ao recordar o illustre jurisconsulto a sua estada no Rio de Janeiro corriam-lhe as lagrimas em fio.

Na phase que me vae occupando da vida do distincto brasileiro, occorreu a eleição de 1828, em grande maioria liberal. Para bem apreciar se o espirito da época mencionarei este facto; mais de uma vez se disse nos comicios que organisavam as chapas: «não póde ser eleitor porque tem commenda», e algumas freguezias de facto excluiam os que tinham qualquer condecoração.

Escrutador na parochia do Sacramento, tendo sido acclamado pelo povo, e pelo povo levado em triumpho para a mesa, T. Ottoni parece ter sido incluido no livro negro do governo de então.

Era ministro da marinha o marquez de Paranaguá, monarchista *quand meme*, ainda que sem aviltamento pessoal; cortezão em cujos labios a maxima « resistir ao Rei para servil-o » não teria a significação burlesca que teve em outros; sincero, mas violento em seu afferro á monarchia como elle a entendia; intolerante para com a opinião liberal.

T. Ottoni pretendeu, como a outros se havia concedido, conservar o posto de guarda marinha, mas continuar estudos mathematicos na academia militar: para isso não póde obter licença, cassando-se *propter scandalum* as até então concedidas.

E as ordens de embarque para a costa da Africa e para o baixo Amazonas, e as multiplicadas inspecções de saude (o guarda marinha dera parte de doente) deixaram fóra de duvida a intenção de *amansar* o enthusiastico escrutador, que na mesa do Sacramento ousara sustentar uma multa em que incorrêra o ministro da guerra.

« Já se vê, escreveu elle com verdade na circular de 1860, que o ministro não podia deixar de triumphar, e tive de considerar-me feliz aceitando baixa do posto de guarda marinha, e consentindo, pesaroso, que se cortasse a minha carreira de engenheiro, em que talvez me teria habilitado para servir melhor o meu paiz.»

A mesma licença foi recusada no anno seguinte 1831 a quem escreve estas linhas, talvez sómente por chamar-se Ottoni; mas veio logo o 7 de Abril, e pude então continuar meus estudos mathematicos.

V.

O JORNALISMO E O SETE DE ABRIL.

T. Ottoni voltou ao commercio, indo fundar o seu estabelecimento na villa do Principe, onde nascera. E coadjuvado pelos liberaes de lá, levando da Côrte uma pequena typographia, começou a publicar a *Sentinella do Serro*, que adquiriu merecida celebridade.

A *Sentinella* combateu com coragem pela liberdade: seus artigos de masculo vigor eram frequentemente transcriptos pelas folhas liberaes de todo o Imperio.

Pretenderei que esses artigos fossem sempre succulentos de doutrina, radiantes de justiça e de razão? Que nunca a *Sentinella* declamasse? Que fosse em tudo bem inspirada? Que não commettesse erros?

O redactor tinha então 23 annos, e o seu biographo já conta quasi 59.

Mas a *Sentinella do Serro* transpirava por todos os poros o enthusiasmo de uma alma ardente e patriotica, a sinceridade de profundas convicções, a dialectica severa de uma vigorosa intelligencia.

Bateu, combateu e agitou nos ultimos mezes de 1830; e quando soou a hora da revolução, o pequeno theatro de suas fadigas estava preparado para uma das mais notaveis manifestações da aspiração nacional, coincidindo em data com a da Côrte, a 6 de Abril de 1831.

Tem-se pretendido que o 7 de Abril não foi uma revolução, mas uma abdicação voluntaria, pretendendo D. Pedro ir restabelecer sua filha no throno de Portugal.

Se os que tal disseram, com ou sem fé, se limitassem a affirmar que D. Pedro I podia resistir por algum tempo, que a revolução custaria

sangue e desgraças, que seus projectos portuguezes, não certamente fraqueza, o levaram a ceder ante a primeira manifestação armada; eu não duvidaria acompanhal-os em tal parecer.

Mas que seu poder estava morto, que a luta o faria mais odioso, não é licito pôr em duvida. As violencias do seu governo, a mystificação das promessas da constituição, e até os desregramentos de sua vida privada, lhe haviam attrahido a aversão dos brasileiros. Encontram se muitas provas deste asserto nos incidentes das suas viagens a Minas, nas festas da recepção nesta Côrte em 1830, na proclamação » o sangue derramado pede sangue » do aliás moderadissimo Evaristo, no manifesto dos deputados liberaes, e nos movimentos simultaneos que surgiram em varios pontos de Brasil.

Com a noticia das desordens da Côrte, que passaram ás chronicas com o nome *Garrafadas de Março* o povo da villa do Principe, *tendo á sua frente todas as autoridades de eleição popular*, reuniu-se diante do paço da camara municipal, deliberou, fundou uma caixa militar; e assignaram os artigos de um compromisso para (dizia o art. 1°) «resistir ás ordens illegaes, repellir a força pela força, tirar das prisões todo o cidadão illegalmente detido etc. etc.»

E mais, caso marchasse tropa contra aquelles patriotas (art. 4) « organisar-se em companhias e batalhões para operar em defeza da patria e da liberdade. »

Desta revolta aberta contra o governo geral assumia a principal responsabilidade o redactor da *Sentinella*, secretario da reunião.

Quando elle era revolucionario, era o sempre *de vespera* Com a chegada na noute de 22 da noticia do 7 de Abril nesta Côrte, o povo alvoroçou-se; e, como é commum em taes casos, ameaçou a vida de alguns, que suppunha inimigos da revolução. Se nenhuma das ameaças se traduziu em facto, deve-se á moderação do já então popularissimo redactor da *Sentinella*. E' cousa bem averiguada que salvou elle a vida do ouvidor da comarca Antonio José Vicente da Fonseca, que tinha condemnado o movimento do dia 6.

As disposições de espirito e de coração reveladas por estes factos nunca se desmentiram na vida de T. Ottoni, vencedor ou vencido.

Antes e depois da revolução o partido liberal offerecia os matizes exaltado e moderado, sendo estes, como o seu nome indica, os mais c[illegible] losos, os mais timidos, os ultimos que app[illegible] riam para o juizo de Deus, mas os primei[illegible] apoderarem se da situação no *lendemain*.

Os moderados tinham por orgão na impr[illegible] a *Aurora*; os exaltados a *Astréa*, e nos ulti[illegible] tempos outras folhas.

Ninguem se admirava então de que fos[illegible] uns mais, outros menos *radicaes*.

A *Sentinella do Serro* pugnando pela [illegible] mocracia pacifica, invocando Franklin, Jeff[illegible] son e os mais *amigos da ordem* dos Estados-U[illegible] dos, estivera no calor da luta mais proxima [illegible] exaltados do que aos moderados. Mas quan[illegible] de um lado estes pareciam esquivar-se aos c[illegible] rollarios da revolução, aquelles de outro lad[illegible] ou antes a sua ala extrema, punha em peri[illegible] na Côrte a segurança publica, o lutador [illegible] Serro desagradou a ambas as fracções.

Referindo-se a esta phase, escreveu elle, apo[illegible] ando-se em longas transcripções do seu jornal

« Ao passo que censurava os chefes do part[illegible] do liberal moderado, porque desvirtuavam a re[illegible] volução, de que se haviam apoderado, a *Sentinel[illegible] la do Serro* com mais energia stygmatisava o[illegible] excessos anarchicos applaudidos pelas folhas de[illegible] mocraticas da Côrte.

« Dahi nasceu que a *Sentinella do Serro* mai[illegible] de uma vez foi invocada como autoridade contra os desordeiros, transcripta na *Aurora* por Evaristo, e no *Independente* pelo Sr. Joaquim José Rodrigues Torres, hoje visconde de Itaborahy. »

Em seu parecer, o verdadeiro meio de acabar com as desordens era tirar-lhes o pretexto, satisfazendo as aspirações reaes do paiz e enveredando francamente as reformas.

E o programma das que advogava o joven jornalista acha-se estampado na *Sentinella* de 25 de Junho de 1831. Copiarei sómente as conclusões:

« E', pois, mister *sacrificarmos alguma cousa de nossas opiniões*; isto protesta fazer o redactor da *Sentinella do Serro*.

« Por exemplo, somos de opinião que, se aos dous candidatos da *Nova Luz*, os Srs. Braulio e Manoel de Carvalho Paes de Andrade, se juntasse o Sr. Vergueiro, teriamos uma optima regencia; mas, se a assembléa em sua sabedoria, ou mesmo em sua moderação, nos der outros quaesquer regentes (que comtudo não serão por certo Clementes Pereiras) nem por

isso declararemos guerra á representação nacional, nem a essa regencia. Somos de opinião que se deve lentamente republicanisar *a constituição do Brasil, cerceando as fataes attribuições do poder moderador, organisando em assembléas provinciaes os conselhos geraes de provincia, abolindo a vitaliciedade do senado, e isto desde já.* »

A lei de 12 de Outubro de 1832 que mandou dar poderes aos deputados para a reforma constitucional, satisfez aquella aspiração no que toca ás assembléas provinciaes.

A temporariedade do senado cahiu por um voto; mas a idéa caminhou,como sempre, e hoje todos estão vendo quanto terreno tem ella ganho.

Quanto á restricção das attribuições do poder moderador, é possivel que mais extensas fossem as aspirações de T. Ottoni; mas na época das reformas contentou-se elle com o effeito que sobre o exercicio dessas attribuições devia produzir a extincção do conselho de Estado.

Esta opinião foi proficientemente desenvolvida em um capitulo (o 4º) da circular de 1860, que tenho sempre em vista, e considero complemento deste meu trabalho: a biographia do estadista, assim como a do sabio, deve ser a historia de seus pensamentos. No opusculo citado explicou T. Ottoni como em seu pensar havia a reforma de 1834 limitado a acção do poder moderador. Eis a sua conclusão:

« Abolido o conselho de Estado ficavam os ministros responsaveis unicos pelos actos do poder moderador. E, dependentes os seus actos da referenda ministerial, sem outro influxo extranho, estavam o poder moderador e as suas attribuições suave e naturalmente absorvidos pelo poder executivo.

« Eis ahi as razões por que sempre entendi que o art. 32 do acto addicional fôra um magnifico triumpho da idéa liberal, e que annullava em sua essencia o poder moderador. »

Quer houvesse erro nesta apreciação, quer a reforma fosse annullada pela restauração do conselho de Estado, ou em consequencia de factos e abusos posteriores, o que hoje está na consciencia do paiz é que o poder moderador, em vez de ser absorvido, absorveu o executivo: o desenvolvimento desta these me faria exorbitar do meu assumpto.

Embora não fossem decretadas todas as reformas que lembrara, o democrata do Serro declarou-se satisfeito, por emquanto, com as que se realisaram. Gostava, dizia elle, de *andar de vagar para chegar depressa.*

Mezes antes comtudo, havendo gravissimas aprehensões de que a reforma naufragasse no senado, denunciou ao paiz este perigo em nome da sociedade patriotica *Promotora do Bem Publico*, por elle fundada no Serro. Uma circular ás outras sociedades e a todas as camaras municipaes do Imperio, pedia a sua coadjuvação para que, no caso de rejeição pela camara vitalicia do projecto de reformas que na temporaria fosse iniciado, os collegios eleitoraes dessem de motu-proprio os poderes aos deputados.

Tão audaz iniciativa desagradou ao governo e aos moderados: a *Sentinella* foi processada: seu redactor perseguido viu-se obrigado a supprimir a folha e retirar-se da scena.

Irritação incomprehensivel nos homens que dirigiam a revolução, se é que desejavam as reformas. Se em tão melindrosa situação o senado se obstinasse, a revolução devia continuar, e a proposta do Serro a continuava pacificamente.

A circular da *Promotora do Serro* tinha a data de 2 de Fevereiro de 1832; e logo, a 30 de Julho do mesmo anno,tentaram os moderados reformar dictatorialmente a constituição.

Propuzeram de accordo com os regentes que a camara se declarasse assembléa constituinte, e para o caso de vingar o golpe de Estado tinham na algibeira um projecto de constituição,que seria votado por acclamação e que fazia largas concessões ao principio liberal.

Esse projecto não foi publicado. T. Ottoni estava arredado da arena politica e residindo no Serro: eu que tambem me interessava pela causa publica, era então professor de geometria em Ouro Preto, e pois vendo as cousas de longe não posso depôr sobre o facto, como testemunha, mas posso fornecer á historia uma tradição segura. Epiphanio José Pedroso, meu intimo amigo, activissimo membro da propaganda democratica, foi convidado e assistiu á reunião nocturna em que foi planejada a revolução parlamentar. Epiphanio se satisfazia com as concessões que o 30 de Julho faria se vingasse á idéa liberal.

O projecto das reformas foi promulgado finalmente a 12 de Outubro seguinte.

Mas porque crescêra nos moderados o fervor reformista? Sem duvida por precisarem do concurso dos exaltados contra os retrogrados que desde os fins de 1831 começaram a sonhar a restauração de D. Pedro I.

Se Deus não tivesse conservado a vida daquelle monarcha até 24 de Setembro de 1834, só sabe o mesmo Deus se teriamos o acto addicional.

As deliberações da *Sociedade Defensora* confrontadas com as da *Federal*, de que em 1833 tive a honra de ser o 1º secretario, não deixam duvidas a este respeito.

Na camara constituinte não houve logar para o democrata do Serro.

« Mas, disse elle, de ninguem podia eu dizer que me houvesse atraiçoado, porque nesse anno não troquei palavra acerca de eleições com potestade alguma.

« O meu nome foi arredado das urnas sob o falso pretexto de falta de idade legal, e pelo motivo real de não ser eu maleavel á vontade dos chefes: fiquei entre os supplentes.

« Nem por se me haver desviado do congresso constituinte deixei de applaudir as suas deliberações.

« Ao contrario, foi com grande enthusiasmo que vi consignado no acto addicional e conseguintemente fazendo parte da constituição do Imperio o programma que tres annos antes eu havia offerecido á consideração publica em o n. 43 da *Sentinella do Serro.* »

VI

ASSEMBLÉA PROVINCIAL.

A abstenção durou até a installação em 1835 das assembléas provinciaes, sendo o reformista do Serro eleito para a de Minas.

A unica excepção áquella abstenção foi o auxilio dado á legalidade contra os homens do principio da autoridade, sublevados em Ouro Preto em 1833: o tribuno da *Sentinella* acudiu ao reclamo do vice-presidente Vasconcellos, e não só agitou os espiritos em favor do governo da regencia, mas até marchou com a guarda nacional do Serro, commandando uma companhia no posto de tenente, que tivera por eleição dos guardas.

Tendo aceitado lealmente as reformas de 1834, Theophilo Otttoni foi eleito deputado provincial para a 1ª legislatura em 1835. Desde então não foi mais licito em Minas organisar uma cha liberal sem o seu nome.

Mas esta importante posição não foi adquiri repentinamente, sim conquistada palmo a p mo á custa de trabalhos os mais uteis, os ma conscienciosos, os mais perseverantes.

Serviu em duas legislaturas, de 1835 a 1839, deixou na memoria publica honrosas trad ções.

Foi constantemente membro da commissão d estatistica, e quasi em todo o tempo, das de in strucção publica, fazenda provincial e trabalho publicos: em todas se assignalava a sua inte ligencia e incansavel actividade.

A provincia deveu á sua iniciativa a creação de aulas de latim, francez, philosophia em cada uma das comarcas, e de tachygraphia na capital.

Propoz que todas as deduções de ordenado dos professores se destinassem a um monte-pio em favor de suas familias; idéa votada pela assembléa, mas depois não desenvolvida.

Em nome da commissão de fazenda propoz a creação da mesa de rendas provinciaes, a principio servida pelos mesmos empregados da thesouraria geral. Suas propostas de orçamento continham sempre minuciosas explicações da despeza, verba por verba, homenagem aos direitos dos contribuintes.

Evitou sempre, embora ás vezes combatesse amigos, gravar com imposições a producção da provincia. Por exemplo, foi por seus esforços que a assembléa rejeitou a substituição, que o governo propuzera, dos dizimos por uma capitação sobre os escravos occupados na lavoura.

A commissão de trabalhos publicos foi creada por proposta sua, e della foi membro por tres annos.

Em 1836 foi votada a muito notavel lei mineira da construcção e conservação das estradas, iniciativa de Vasconcellos, que teve em T. Ottoni o seu melhor auxiliar, e reconhecia terem as emendas delle muito melhorado o seu projecto.

Estradas novas, reparos, auxilios á navegação do Rio Doce etc., questões desta natureza eram já então as da sua predilecção.

Era notavel nessas primeiras legislaturas provinciaes o respeito ao elemento municipal, depois tão desconsiderado. Nas questões de interesse das localidades, a assembléa não sómente ouvia as camaras, mas procurava sempre em

termos razoaveis, satisfazer as suas aspirações.

Especialmente occupou-o a estatistica da provincia. Estudando a divisão civil e ecclesiastica, favorecendo os interesses publicos, em primeiro logar, só em segundo os de seu partido, propoz numerosos projectos, e soube haver-se de modo que não deixou resentimentos por injustiça alguma que houvesse praticado.

Seus estudos conscienciosos de cinco annos sobre a estatistica da provincia, debruçado sempre sobre o mappa, e supprindo as deficiencias com extensas informações, e em parte conhecimento pessoal, o tornaram o homem publico mais conhecedor do territorio mineiro.

Tomado de um gosto particular por estes estudos, estendeu-os ás provincias de S. Paulo, Goyaz, Matto-Grosso, e parte das provincias do Norte.

Ninguem melhor, ninguem tanto como T. Ottoni, conhecia a geographia physica e politica do interior do Brasil, os systemas de cordilheiras, os valles dos grandes rios, a natureza das producções, a distribuição da população.

A organisação da companhia ingleza que pretendeu navegar o Rio-Doce, e os auxilios que desejava prestar-lhe a assembléa provincial attrahiram sua attenção para os diversos valles, que separados por pequenas cordilheiras correndo a Leste, destacando-se todas da grande cordilheira central, e cobertas de espessa matta, sequestravam do oceano o Norte de Minas; Jequitinhonha, Rio-Doce, Mucury, etc.

Propoz, e a assembléa votou, a compra de 1,000 acções da companhia do Rio-Doce se se obrigasse a levar em 10 annos a navegação á confluencia do Suassuhy Grande: mas esta empreza não prosperou.

O estudo desta questão é a primeira origem da empreza Mucury, a que T. Ottoni dedicou depois sua vida, suas faculdades, sua fortuna, tudo.

Malfadada empreza em que o maior dos erros de seu fundador foi não ver que o exito della o elevaria muito alto, e que neste paiz ninguem deve pensar em erguer-se á altura de uma papoula. Mas o Mucury será o assumpto de um capitulo especial.

Todas as vezes que, como em 1864, o corpo legislativo tem pensado em organisar um systema geral de viação publica, ao qual se subordinem todas as emprezas parciaes, reconheceu-se que nada se podia tentar sem recorrer aos conhecimentos especiaes de T. Ottoni.

Seus escriptos relativos aos futuros desenvolvimentos da estrada de ferro de D. Pedro II, quer do lado do Sul, quer do Norte, são altamente instructivos. Encantava ouvir a sua viva imaginação descrever uma viagem a vapor, ora fluvial ora terrestre, do Rio de Janeiro ao Pará, aproveitando algumas centenas de leguas da navegação do S. Francisco.

Que massada! diziam frequentemente os espiritos superficiaes ou preguiçosos. Suas dissertações a este respeito eram sempre extensas, porque abundava a materia: a producção era optima, porque a terra era fertil e primorosamente cultivada.

A um engenheiro habilissimo ouvi mais de uma vez, que se o incumbissem de estudar e traçar a melhor linha de ferro em direcção ao rio S. Francisco, nenhum auxilio lhe seria mais util do que a companhia de T. Ottoni.

De 1840 em diante deixou de ser membro da assembléa provincial de Minas Geraes; mas desde 1838 occupava seu posto de honra na camara dos deputados, onde iremos ter com elle no seguinte capitulo.

VII

PARLAMENTO—1838 A 1841.

Em 1838 apresentou-se Theophilo Ottoni pela primeira vez no mais alto dos theatros de sua gloria, a camara dos deputados. E logo na primeira legislatura em que serviu (38 a 41) consolidou a bellissima reputação que até a morte não manchou, e que para seus correligionarios é um reflexo de luz, e uma lição de probidade politica.

Quanto a mim, formulo o mais sincero e fervoroso voto, que nunca se me possa dizer com razão: *maculas com teu procedimento a memoria de teu illustre irmão.*

A politica do quatriennio que me occupa offereceu tres phases distinctas.

Luta da opposição liberal contra um governo (regente e ministros) abertamente adversarios das franquezas provinciaes.

Appellação para o poder moderador por meio do recurso inconstitucional da maioridade.

Empalmação nova do poder pelos homens

que apregoavam acima de tudo o *principio da autoridade*.

E em cada uma das tres épocas o papel de T. Ottoni foi radiante de liberalismo e de sinceridade de convicções.

Sua bandeira, disse elle e provam todos os seus discursos, tinha estas tres inscripções :

Verdade do acto addicional.

Defeza dos opprimidos.

Economia da fortuna publica.

A situação politica que veio encontrar era a de 19 de Setembro de 1837, quando os vencidos de 7 de Abril, os descontentes dos governos regenciaes, e os moderados que contra a vontade haviam reformado a constituição por medo da restauração que lhes tiraria o poder, estes tres grupos, prégando ou seguindo a doutrina do *regresso*, haviam obrigado a ceder o posto o sincero regente Feijó.

« O ministerio de 19 de Setembro, escrevia T Ottoni em 1860, apresentava-se diante das camaras brilhante de talentos, com a aureola que não se lhe podia contestar de haver conquistado parlamentarmente as pastas, reforçado pela sancção do corpo eleitoral que acabava de elevar á regencia o ministro do Imperio, rico de prestigio pelo facto de haver abafado na Bahia uma revolta perigosa, aliás insufflada por amigos do ministerio antes da conquista do poder, armado com a força que lhe dava a escola da autoridade, que, arredada oito annos da scena politica, nella entrava remoçada.

« Um dos symbolos do novo credo era a reforma do acto addicional que já havia sido proposta a titulo de interpretação.»

A historia do governo, dito representativo, deste nosso Brasil não poderá ser escripta sem o depoimento de T. Ottoni ; e pois lisongeio-me de que aos escriptores que a emprehenderem não será inutil este meu trabalho : por isso tenho sempre a peito evitar a nota de leviano ou declamador. A intenção de ferir o acto addicional foi clarissima no voto de graças de 1838, de que transcreverei sem commentarios o periodo a que alludo :

« A camara dos deputados está firmemente decidida a sustentar *na sua essencia* a lei constitucional de 12 de Agosto de 1834, que reformou alguns artigos da constituição do Imperio, como consequencia necessaria do principio de justiça, que exige se dê ás provincias todos os meios de recursos provinciaes, que não pódem deixar de existir dentro dellas : *reconhecendo todavia que a mesma lei tem suscitado duvidas e gerado conflictos perigosos á paz do Imperio, pelos termos vagos, obscuros e inexactos com que foram redigidas algumas de suas disposições*, trabalhará por esclarecer o que ha de obscuro, precisar o que existe de vago, e por fazer desapparecer, pelas regras de uma sã hermeneutica, qualquer intelligencia que pareça estar em contradicção com o rigor dos nossos principios constitucionaes, afim de que esse acto, de vital esperança para o Brasil, possa produzir os salutares beneficios que teve em vista a sabedoria que o dictou. »

Salvando o decoro, a hostilidade ao acto addicional não podia ser mais clara. E levantava a bandeira o fortissimo ministerio com que teve de medir-se a opposição liberal, não menos rica de talentos, e que acabava de fazer acquisição do já poderoso auxiliar cuja vida escrevo.

A memoria daquella luta de gigantes está fresca, e visto que se publicam os nossos annaes parlamentares, posso dispensar-me de accrescentar aqui, em demonstracção de meus assertos, alguns extractos dos debates.

Subtraio-me assim ao embaraço da escolha tão succulentos eram os discursos das grandes illustrações da camara, tão energico e uniforme o auxilio que prestava á opposição liberal o seu novo companheiro. A sinceridade da fé, o culto da liberdade, a coherencia das opiniões, o vigor do talento são os dotes que brilham nesses arrazoados, pela maior parte singelos e sem pretenção de flôres oratorias.

São deste periodo as leis compressoras que confiscaram as nossas liberdades, especialmente as eleitoraes, leis hoje condemnadas até por seus autores, mas cuja revogação não tem sido possivel obter-se.

A situação era violentissima ; os liberaes estavam fóra da lei, e como recurso a idéa da maioridade do Imperador se tornou popularissima.

Foi sem duvida uma aberração : mas qual é o liberal que póde affirmar, collocado na camara naquella época, não faria como seus amigos ?

Era aberração, não só como ataque á lei fundamental, tambem porque o partido conservador quasi unanime no senado, senhor das altas

posições vitalicias, bem representado na Côrte, apoiado em forte maioria da camara e defendido pela circumvallação audazmente paraguaya das suas leis de excepção e de occasião, era no momento inexpugnavel; mudando o pessoal do ministerio, e deixando intactas as suas fortes posições, era talvez impossivel evitar que empalmasse, como empalmou, a nova situação.

Cumpria soffrel-os mais tempo, bater-lhe em brecha os castellos, e ter fé no futuro: se tivessemos a desgraça de ver durar aquelle governo reactor até a maioridade legal,é mais que provavel, estariam elles tão estragados, tão forte a opposição, tão radiante a verdade, que a posse do throno coincidiria com o triumpho da liberdade, sob pena de ficar averiguada a incompatibilidade entre a monarchia e o verdadeiro governo representativo.

Mas repito, *tudo considerado na occasião,* quem deixaria de commetter o erro?

Sendo a decretação da maioridade um facto historico de grande alcance, consignarei aqui a narração do modo pratico como a idéa foi iniciada e levada a effeito, narração que transcrevo da circular tantas vezes citada de 1860, omittindo por brevidade os commentarios:

«Uma associação se formou com o compromisso confessado de se levar a effeito a maioridade.

« Creio que o primeiro motor da idéa foi o senador Alencar, em cuja casa a associação celebrou todas as suas sessões.

« Quatorze eram os confederados, seis senadores e oito deputados.

« Entre os senadores contavam-se Vergueiro, José Bento e Alencar; entre os deputados os dous Andradas e Marinho, além de um illustre veterano da independencia, que tivera a prioridade da idéa, propondo-a dous annos antes em casa de Alvares Machado. Além do meu humilde nome só me considero autorisado para declinar os daquelles que já pertencem á historia.

« Com os fins confessados a medida só podia attingir o seu alvo se obtivessemos previamente o accordo e a benevolencia do Imperador.

« Neste presupposto deliberou-se na primeira sessão, antes de tudo, sondar o animo de Sua Magestade.

« Os Andradas ficaram encarregados de o fazer por intermedio de pessoas alto collocadas, e que tinham accesso junto de Sua Magestade

« Deliberou-se mesmo a formula da missiva que devia reduzir-se a estes restrictos termos:

« Os Andradas e seus amigos desejam fazer
« decretar pelo corpo legislativo a maioridade
« de Vossa Magestade Imperial; mas nada ini-
« ciarão sem o consentimento de Vossa Mages-
« tade Imperial »

« QUERO E ESTIMO MUITO QUE ESSE NEGOCIO SEJA REALISADO PELOS ANDRADAS E SEUS AMIGOS.

« Tal foi a resposta imperial que trouxe a Antonio Carlos um dos embaixadores. Era o gentilhomem Bento Antonio Vahia, que no dia 2 de Dezembro desse mesmo anno, em remuneração do serviço que prestou ao club maiorista, foi despachado conde de Sarapuhy.

« O gentil-homem Vahia teve por collega na delicada missão que se lhe confiou outro cavalheiro de igual jerarchia, e que tambem foi despachado titular no mesmo dia.

« Além destes, um dos deputados confederados para a maioridade estava encarregado de visitar repetidas vezes o palacio de S. Christovão, para se assegurar das boas disposições do Imperador.

« Desde que tivemos o assentimento imperial mettemos mãos a obra.

« Discutiu-se na reunião um projeto de maioridade desde já, acompanhado com diversas providencias, e entre ellas a creação de um conselho de Estado.

« Por pouco que esta medida era o pomo da discordia no club maiorista.

« Já expliquei em outra parte a importancia que dou ao art. 32 do acto addicional. Foi no meu entender uma grande concessão ás idéas democraticas e annullou completamente o poder moderador. O fallecido monsenhor Marinho tinha as mesmas idéas.

« Era, pois, impossivel que nos sujeitassemos a advogar nas camaras um projecto que contrariava nossas mais queridas aspirações.

« Marinho era um alliado prestimoso, de quem o club não podia prescindir.

« Por consideração para com elle e bondade para comigo, o club deliberou destacar as duas idéas e apresental-as em projectos separados,— maioridade e conselho de Estado.

« Assim trabalhavamos unanimemente para a maioridade, e nos separariamos segundo a convicção de cada um na lei do conselho de Estado.

« Os dous projectos geraes foram redigidos na reunião em o dia 12 de Maio de 1840 e no dia seguinte foram submettidos á consideração do senado.

« PROJECTO DE RESOLUÇÃO PARA DECLARAR A MAIORIDADE.

Sessão em 13 de Maio de 1840.

« Artigo unico. O Sr. D. Pedro II, Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, é declarado maior desde já.

« *Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti de Albuquerque.—José Martiniano de Alencar —Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.— José Bento Ferreira de Mello.—Antonio Pedro da Costa Ferreira.—Manoel Ignacio de Mello e Souza.*»

« Tinha-se deliberado no club solicitar para o projecto da maioridade a assignatura do marquez de Paranaguá, que se inculcava o monarchista por excellencia, mas que não commungava com a olygarchia. O marquez declarou, que não assignava, mas comprometteu-se a advogar sua adopção na tribuna, como effectivamente o fez apezar de não ter sido a doutrina impugnada. »

Segue a exposição dos incidentes parlamentares, discussão na camara, projecto proposto por tactica pelo deputado Carneiro Leão, sendo afinal rejeitada pelo senado a declaração da maioridade. Continúa a narrativa historica:

« No mesmo dia em que se deu este facto, reuniu-se de novo o club Alencar.

« A agitação dos espiritos era excessiva, geral a adhesão com que a idéa era acolhida pelo povo, tropa e guarda nacional.

«Da parte dos dous illustres generaes que então commandavam as armas e a guarda nacional se assegurou não haver probabilidade, apezar de qualquer requisição do governo, de ser a tropa, ou a guarda nacional, empregada contra as reuniões populares que porventura se formassem com o fim da proclamação da maioridade.

« Nas camaras, a não se realisar o adiamento, em que já se fallava, o projecto do deputado Carneiro Leão, propondo a reforma do art. 121 da constituição, facilmente seria convertido em resolução de maioridade *desde logo.* »

. . . .

. . . « tratou se de precipitar os acontecimentos.

« Um memorial foi escripto por uma de nossas illustrações, no qual se expunha a anciedade publica, o voto universal do paiz e os meios do triumpho.

« Assegurava-se a Sua Magestade que as camaras em sua grande maioria entravam com enthusiasmo nas vistas dos Andradas e seus amigos, e que, no caso do adiamento que os olygarchas projectavam, o povo, a tropa e a guarda nacional saudariam com unanimes acclamações o Imperador maior; porém, respeitosamente declarámos ao mesmo tempo que nada se tentaria se a empreza não fosse do agrado imperial, e sem expressa approvação do Imperador. Terminava o memorial pedindo que esta approvação não fosse verbal, mas sim em despacho escripto.

« O memorial nos foi devolvido com um—SIM—escripto pelo proprio punho do Imperador.

« A maioridade estava decretada e decretada exclusivamente pelo partido liberal, com a sancção imperial antecipadamente concedida. »

Continuou a luta na camara, o gabinete reforçou-se com a entrada de Vasconcellos que andava descontente, e que depois chamou as nove horas desse seu ministerio as mais gloriosas de sua vida

Porém:

« Mal se leu no senado o decreto de adiamento uma das maiores glorias da medicina no Brasil (1) partiu para S. Christovão, encarregado de saber de Sua Magestade a sua ultima palavra ácerca da maioridade, e de assegurar á Sua Magestade a vinda da deputação, que o publico suppoz ser inspiração que acudira de momento aos deputados e senadores reunidos no paço do senado.

« O distincto medico tinha tambem a missão de saber de Sua Magestade se Sua Magestade esperaria pela deputação, ainda que o governo nomeasse outro tutor, como se dizia, e este convidasse a Sua Magestade para ir temporariamente residir em Santa Cruz.

« A resposta não foi demorada. Sua Magestade não iria em caso algum para Santa Cruz, e esperava a deputação.

« Sabe-se que o desenlace do drama correspondeu á espectativa dos conjurados. »

(1) Dr. J. C. Soares de Meirelles.

Francamente externei a opinião, que a maioridade foi aberração dos bons principios, sem comtudo affirmar, que tal eu não faria se tivesse então assento no palamento: as cordas do s ffrimento estavam terrivelmente esticadas. Menos ainda ponho em duvida um só momento a illustração e nobres qualidades da augusta pessoa, que as exigencias da verdade historica me obrigam a trazer para esta exposição.

« O Estado, diz um escriptor, que não tem para sustentar-se senão as qualidades pessoaes de seu chefe, tem uma vida artificial e facil de extinguir-se. ».

Faltaria, porém, á minha missão se não provasse neste logar que o maiorista T. Ottoni foi fiel a seus precedentes e principios, que considerando o acto como revolucionario justificou-o sómente pelas urgencias da situação, aceitando francamente a responsabilidade. Falle elle mesmo:

« Para aproveitar-se uma occasião fugitiva de fazer o bem do paiz, diz Jefferson, é licito ir além da constituição. Nestes casos, os representantes da nação, se interpretam bem as necessidades publicas, devem prescindir de subtilezas metaphysicas, e, arriscando-se como fieis mandatarios, pedir depois á soberania nacional um *bill* de indemnidade. Se o facto praticado é verdadeiramente util e honesto, a nação não desapprovará o procedimento dos seus mandatarios, e o *bill* de indemnidade, tornando mais salientes os traços da separação da linha dos poderes, longe de enfraquecer, consolidará a constituição.

. . . .

« Nestas circumstancias, eu, posto aqui por meus constituintes para velar na guarda da constituição e das leis, tomo sobre mim esta responsabilidade de emittir um voto, não no rigor dos meus principios, não muito de accordo com os meus principios, mas porque as circumstancias da nação o exigem.

« A' vista desta declaração franca e leal, os meus constituintes decidirão se obrei bem ou mal; elles, ou me darão o *bill* de indemnidade, ou, lançando-me fóra dos bancos desta casa, manifestarão que desapprovam e que censuram o meu procedimento.

« Senhor presidente, creio que, se a legislatura brasileira, chegada a época da maioridade, dissesse ao Brasil: « Eis aqui a constituição com o art. 121 intacto; entendi que este artigo era constitucional e tive escrupulos (apezar que o povo lhe podia responder: «Não tiveste tanto escrupulo quando trataste de reformar o acto addicional!... » Mas quero por isto de parte), tive escrupulos de tocar neste artigo, que julguei constitucional, entendido restrictamente; entrego-vos portanto a constituição nesta parte ao menos do art. 121 intacta. » Mas o Rio Grande perdeu-se, a conflagração continúa em todo o orbe brasileiro; a bancarota bate á porta; e entretanto não podemos evitar isto, porque o regente, que tomou posse no anno de 1838, tinha direito adquirido, como nos disse um illustre jurisconsulto hontem, a governar o Brasil por quatro annos; e, como nos disse outro nobre deputado de Pernambuco hoje, porque a camara dos deputados, ou os deputados adquiriram o direito de ser deputados por quatro annos, e, se acaso a maioridade do monarcha tiver logar desde já, postergam-se os nossos direitos adquiridos, póde haver alguma dissolução, e nós perdemos o direito de ser deputados por quatro annos. (*Risadas*).

« Creio, Sr. presidente, que o povo brasileiro em taes circumstancias não applaudiria certamente o nosso respeito pelo art. 121 da constituição; pelo contrario, estou persuadido que o povo applaudiria aquelles que, posto não estivessem convencidos de que cabia nas attribuições da assembléa geral a medida de que fallo, comtudo tinham-lhe dado seu voto, por julgarem que as circumstancias assim o exigiam. »

. . . .

« Terei de dizer mais algumas verdades, bem que triviaes: entretanto eu julgo-me obrigado a dizel-as.

« Eu confio muito em que o prestigio da realeza contribuirá alguma cousa para melhorar as difficuldades do governo; entretanto não entendo que o prestigio que cerca o throno do Sr. D. Pedro II venha de que seus antepassados, desde seculos muito remotos, occupassem thronos na Europa.

« Sr. presidente, o prestigio do Sr. D. Pedro II nasce do campo da Acclamação, onde seu pae foi acclamado Imperador do Brasil, não porque descendesse de uma antiga linhagem de Reis da

Europa, mas porque, comprehendendo bem as necessidades do Brasil, poz-se á frente da nossa independencia, e soltou nas margens do Ypiranga esse grito famoso :—Independencia ou morte! — Se acaso succedesse que, em vez de ser o primeiro Imperador do Brasil, descendente da casa de Bragança, quem se poz á frente deste movimento verdadeiramente nacional, que nos elevou á categoria de nação, fosse outro heróe, como João Fernandes Vieira, e a nação tivesse collocado a corôa sobre a sua cabeça, o Sr. D Pedro II, descendente desse outro heróe, e não do filho dos Reis, não teria menos prestigio. (*Sussurro de reprovação*). O prestigio do Sr D Pedro II nasce da constituição e da acclamação, pela qual o povo elevou o primeiro Imperador ao throno que elle tinha erigido. »

Carneiro Leão, depois marquez de Paraná, chefe da maioria ministerial, respondeu :

« Parece-me que os meus illustres adversarios não estão fortes: um só é que o está, porque foi sincero (*Apoiados*).

« Sr. presidente, eu sou como esse nobre deputado; eu o applaudo, Sr. presidente, porque a sua linguagem não é parecida com a de seus nobres alliados, alguns dos quaes teem desmentido todos os seus precedentes.

« Eu, Sr. presidente, muito applaudo que este nobre deputado podesse sahir do meio de tanta poeira radiante e permanecendo nos seus principios (*Apoiados*). Aparte-se tudo quanto diz respeito ao odio que tem contra a administração; aparte-se tudo quanto se não dirigiu a esse ponto: e o discurso do nobre deputado é filho da sinceridade (*Apoiados*). Eu muito applaudo que se podesse libertar do jugo de partido, jugo na verdade pesado, para pronunciar suas opiniões livre e sinceramente...

« *O Sr. Carneiro da Cunha*: — Honra lhe seja feita!

« *O Sr. Carneiro Leão*: — .... permanecendo em seus principios e não desconhecendo a verdade. »

A este quadro de procedimento honesto accrescentarei um incidente que condiz com a sisudez e moderação na victoria, do redactor da *Sentinella do Serro.*

Proclamada a maioridade, alguns enthusiastas quizeram assaltar a casa de Vasconcellos, quebrar-lhe as vidraças e os moveis se não o encontrassem. Foi principalmente a popul dade de T. Ottoni o que logrou evitar a entr na casa.

Incidente que me é recordado obsequiosamen no momento em que escrevo, por uma de noss notabilidades, já então veterano da politica.

O primeiro acto do poder moderador depois maioridade foi uma extensão abusiva de su attribuições, que enfraquecendo o minister liberal precipitou a volta dos homens das le fortes.

E' attribuição do poder moderador nomear li vremente os ministros de Estado, mas bem s vê que o livremente tem limitações indeclinavei na fórma do governo, nas exigencias da inde pendencia dos poderes, e da acção, que tamben deve ser livre, do poder executivo.

O Rei de Inglaterra escolhe os seus ministros; mas quando muda de ministerio, pelo estadista chamado em 1º logar quasi se sabe logo quem serão os outros ministros.

Porque?

Quando em um partido se ergue um estadista prestigioso á posição de chefe, notoriamente o mais capaz de conter, disciplinar, dirigir os seus auxiliares, e de representa-los perante a Corôa, o chamado é e deve ser esse, não outro : ao estadista organisador do gabinete delega o Rei as outras nomeações, em beneficio da unidade da acção, e da solidariedade ministerial. O desprezo destas regras que limitam o *livremente*, dá em resultado a mystificação da influencia do parlamento no governo, e a instabilidade de todas as situações. Os debates publicos indicam sempre aquelle estadista.

Não existia em 1840 a presidencia do conselho; mas esta primeira attribuição devia e podia então ser exercida pelo illustre Antonio Carlos, que assim ficaria, elle só, responsavel e sem desculpa, pelo mallogro das esperanças depositadas na maioridade.

Que assim não se fez, prova-o a nomeação de Aureliano, que não era liberal, que andava desavindo com os conservadores, que era objecto de profunda desaffeição dos Andradas, que em politica significava notoria e unicamente dedicação á pessoa do imperante.

Com esta apreciação não prejudico a merecida reputação de Aureliano como administrador habil e probo.

Sobre a anomalia da organisação do ministerio não é nova a opinião que emitti: emquanto tive assento na camara temporaria, nunca perdi occasião de estigmatisar o *viciamento da instituição da presidencia do conselho*, cousa a que mais de uma vez attribui as organisações hybridas e por isso infecundas de mais de um gabinete.

Nem saio, emittindo taes pareceres, do terreno constitucional: os responsaveis são os organisadores e seus collegas.

Pouco viveram e pouco fizeram os ministros da maioridade, cujas excellentes intenções aliás não é licito pôr em duvida: eram e são seis nomes circumdados do respeito publico. A apreciação dos poucos mezes de seu governo está mesmo fóra do meu restricto programma; porque nesse periodo T. Ottoni esteve em inacção. Mal contente com a direcção da politica, prevendo a volta dos adversarios, conservou-se, disse elle, de sentinella no aprisco liberal, e a sua primeira tarefa, voltando á actividade da luta, foi defender seus amigos, que a 23 de Março de 1841 haviam deixado o ministerio.

A organisação dessa data não foi mais parlamentar do que a antecedente.

Se a politica liberal estava condemnada, se a logica dos factos aconselhava a subida dos conservadores ao poder, um de seus chefes devia ser chamado, assumir francamente a responsabilidade da mudança de politica, e organisar um ministerio homogeneo e solidario.

O homem que para tanto era indicado pelos debates parlamentares era Carneiro Leão, depois marquez de Paraná.

A conservação de Aureliano para nucleo do novo gabinete era um abuso das attribuições do poder moderador; e dahi veio que um unico dos ministros se podia considerar genuino representante da situação, qual depois se desenhou Era Paulino de Souza, mais tarde visconde de Uruguay.

Felizmente para o partido que subia, aquelle seu chefe suppriu as lacunas pela sua grande energia e talento superior; e a reacção contra a idéa liberal correu á rédea solta.

Ao passo que preparavam na legislação meios de perpetuar o seu dominio, annulavam as garantias que aos opprimidos podia offerecer o poder judiciario, pois destruiram a sua independencia, arrogando-se o direito illimitado de remover os magistrados, e exercendo o de modo que muitas vezes a remoção equivalia a uma demissão.

Da luta dos liberaes contra a situação tão violenta, do brilhante papel que nessa luta representou T Ottoni, nada mais direi: são factos contemporaneos, e os debates estão consignados nos annaes parlamentares que correm impressos.

A vida dos partidos no Brasil no quatriennio de 1838 a 1841 se resume nos seguintes traços geraes:

Governou em todo este praso a coalição que combatera o regente Feijó, e lançara em 19 de Setembro de 1837 os fundamentos do actual partido conservador: dominio apenas interrompido nos oito mezes do ministerio da maioridade;

Diziam acreditar, ou acreditavam, que sem elles a monarchia corria perigo;

Que a execução do acto addicional, qual fôra votado, punha em risco a integridade do Imperio;

Que sem uma forte centralisação, sem uma policia homogenea e mudavel ao aceno do centro, não haveria ordem, nem paz, nem segurança.

E com a chamada intrepretação do acto addicional, com a lei de 3 de Dezembro, com os seus regulamentos de ferro, mais tarde com a transformação da guarda nacional, levaram o principio da autoridade ás exagerações que provocaram resistencias materiaes no anno de 1842. Será este o objecto do seguinte capitulo.

VIII

REBELLIÃO DE 1842.

Não pretendo instituir a apologia dos movimentos revolucionarios de Minas e S. Paulo.

Não desconheço a regra geral de apreciação dos que em politica appellam para o juizo de Deus; vencedores, são heróes; vencidos, rebeldes.

Demais o mesmo T. Ottoni, um dos principaes cabeças da revolta, escrevia em 1860:

« Creio sinceramente que mais teria ganho o systema constitucional se, apezar de rebellado o governo contra a constituição, se, apezar da promulgação das leis inconstitucionaes de 1841, apezar da dissolução prévia da camara dos deputados, apezar de tudo, a opposição mineira

em vez do recurso ás armas, de preferencia empregasse contra o governo os meios pacificos que ainda lhe restavam. »

Este ponto, pois a inconveniencia da rebellião, que tanto aproveitou a nossos adversarios, está fóra de controversia.

Mas é indispensavel resumir-lhe a historia, para poder precisar que culpa teve e que parte tomou T. Ottoni na luta material.

Primeiro os motivos, que no preambulo do decreto de amnistia, em 1844, foram denominados *causas longo tempo accumuladas, paixões por largo tempo exacerbadas.*

E' o primeiro, a irritação causada entre os liberaes pelo mallogro das esperanças depositadas na maioridade.

Já caracterisei os partidos que lutavam: as bandeiras eram, de um lado franquezas provinciaes e verdade do acto addicional, de outro governo forte, centralisado, desarmando as provincias.

Sendo pois a maioridade decretada pelos liberaes, combatida pelo outro partido, o que triumphava, devia crer-se, era a bandeira liberal, não algumas ambições pessoaes.

Assim o pensavam de certo os ministros em 1840, caracteres respeitaveis, cidadãos patriotas, que ou não fizeram mais por causa da viciosa organisação do seu ministerio, ou não tiveram tempo, assoberbados pelas difficuldades provenientes do pessoal da administração, quasi todo contrario ás suas vistas.

A sua missão, ou de seus successores, que nada fazia esperar fossem adversarios, porque o proprio acto do poder moderador guardar um ministro para nucleo do novo ministerio não indicava mudança de politica, a missão devia ser pregar um forte cravo na roda do regresso, e executar lealmente a constituição reformada

Não se proclamou de certo a maioridade para que cinco liberaes fossem ao ministerio, e sahissem camaristas.

Mas o segundo gabinete do Imperador maior, embora organisado viciosamente como o primeiro, comtudo tendo maioria de conservadores conseguiu, graças á energia de um de seus membros, reinstallar e desenvolver até ás ultimas consequencias, a politica mezes antes condemnada.

Comprehende-se quanto uma tal decepção devia desesperar os que eram victimas da reacção.

O segundo motivo era a propria organisação do governo forte, a promulgação das leis excepcionaes e violentamente centralisadoras de 1841.

E o terceiro a dissolução prévia da camara eleita, dissolução que privava os proscriptos de seu ultimo recurso constitucional.

Este abuso de fazer-se o governo juiz das eleições, e dissolver uma camara não installada, fôra mesmo annunciado previamente por Carneiro Leão, dias antes da decretação da maioridade, nestes termos:

« Eu o que receio, senhores, é que as cousas não se estejam preparando para fazer eleger uma camara *opposicionista ao Sr. D. Pedro II.* Se tal apparecer declaro desde já que o Brasil se declarará contra toda essa camara: se tal acontecer, quando o Sr. D. Pedro II governar com todos os poderes magestaticos, que a constituição lhe concede, seus conselheiros não deixarão de representar-lhe que *uma assembléa eleita debaixo das influencias perniciosas* que actualmente dirigem os destinos do Brasil *não póde ser apropriada* para cooperar com o Sr. D. Pedro II. »

(*Jornal de* 19 *de Julho de* 1840).

E póde imaginar-se quanto era licito temer pelas instituições que garantem a liberdade, quando o mesmo Carneiro Leão, chefe do partido dominante, sustentava esta maxima « E' sempre legitimo o governo á cuja frente está o Imperador. »

Principio que hoje, parece-me, só temos um homem publico capaz de adoptar e sustentar: escuso nomeal-o.

Expostas as causas, direi tambem a iniciativa e plano da revolta. Em um resumo biographico do mesmo cidadão, cuja vida me occupa, resumo que acompanhou seu retrato na galeria Sisson, dizia um dos bons talentos, de que se gloria a provincia de Minas:

« Transformadas em decepções as esperanças que os liberaes haviam concebido quando conspiraram contra o governo da regencia, convertido em lei o projecto de reforma judiciaria, restaurado o conselho de Estado; dissolvida previamente a camara temporaria, as deputações de

S. Paulo e Minas entenderam que o unico recurso dos liberaes estava em um appello ás armas. Os representantes paulistas comprometteram-se a levantar em sua provincia uma força respeitavel, capaz de fazer recuar as tropas regulares do governo; os mineiros obrigaram-se por sua parte a promover uma manifestação que distrahisse as forças legaes em proveito dos insurgentes paulistas.»

Esta exposição é fidelissima; posso testemunhal-o com a tradicção da época; e della consta já, que Minas não se sentia de modo algum preparada para uma revolução: fazia apenas uma diversão.

Os paulistas tomaram com effeito a dianteira: entretanto a 14 de Junho já se sabia e festejava no Rio de Janeiro a derrota da Venda Grande, e a retirada da ponte dos Pinheiros, factos que auguraram a queda da rebellião.

T. Ottoni achava-se na Côrte ao serviço dos seus amigos que iam sublevar-se: diligenciava alliciar um general que fosse commandar as tropas revolucionarias.

Direi de passagem que não foi a falta de chefe militar que trouxe a queda dos revoltados: o general se revelou, e de primeira força, no coronel Galvão; e bons cabos de guerra tinha elle.

A 15 de Junho de manhã chegou a esta cidade a noticia do rompimento no dia 10 em Barbacena: havia-se antecipado por causas que o monsenhor Marinho depois explicou no livro que deu á luz.

A' 1 hora da tarde do mesmo dia 15, visitou-me meu irmão na ilha das Cobras onde me achava preso, e annunciou-me a sua intenção de partir nessa noute para Barbacena.

Desde o rompimento de S. Paulo o governo esperava todos os dias o de Minas, e precavia-se; minha prisão, para a qual se procurou um pretexto militar, tinha por verdadeiro motivo a crença não illogica do ministerio, que eu devia ser um dos auxiliares dos rebeldes.

T. Ottoni que não era militar e tinha ainda a immunidade de deputado, não podia ser preso; mas era seguido por toda a cidade por dous espiões, que na hora da partida conseguiu illudir.

— Que esperanças tens? perguntei-lhe.

— Nenhumas: cahiremos, e talvez em bem pouco tempo; mas eu comprometti a tanta gente que não posso ficar no quartel da saude.

Farei a este quadro de honra e de lealdade o retoque da abnegação. T. Ottoni tinha pouco antes recebido em matrimonio a Sra. D. Carlota Amalia de Azeredo; fôra um casamento como os que celebram os homens que teem coração, e a esposa Ottoni encerrava em seu seio o primeiro fructo deste amor legitimo. E' hoje o Sr. Dr. Theophilo Carlos Benedicto Ottoni, unico filho que nos deixa o illustre mineiro, moço que tanto estimam todos os amigos de seu pae.

Nada, porém deteve o leal companheiro dos liberaes mineiros: viajando de noute, illudindo as cautellas tomadas pelas autoridades, logrou transpôr em dia e meio as 30 leguas da Côrte á ponte do Parahybuna, então occupada por uma guarnição dos rebeldes.

Esta ponte foi depois incendiada, e o espirito de partido pretendeu que o tinha sido por ordem de T. Ottoni; ainda depois de bem esclarecido o facto (vide a 1ª nota do livro 1º da Historia de Marinho) ainda inimigos sem generosidade continuaram a lançar-lh'o em rosto.

A imputação aliás era futil: se a estrategia militar aconselhasse a queima da ponte, podendo esta medida evitar choques e diminuir a perda de vidas, não haveria que hesitar.

Mas em um rio que na secca se estreita em pequenos canaes entre pedras, tão faceis de ser transpostas, estando as margens desguarnecidas, o sacrificio daquella bella obra de arte foi simplesmente erro lamentavel de cabo de guerra secundario.

Homem politico, não especialidade militar, T. Ottoni comprehendeu que o seu logar era ao lado do presidente rebelde José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, depois barão de Cocáes.

José Feliciano, homem bom na extensão da palavra, typo de lealdade, com sentimentos liberaes mas opiniões decididamente monarchistas, dedicado á pessoa do imperante que mesmo no manifesto da revolta em Barbacena denominou elle—Meu Augusto amo—não possuia as verdadeiras qualidades de um revolucionario.

Parecia crêr sinceramente que o Imperador se achava coacto, e que uma manifestação armada contra o ministerio daria força a Sua Magestade Imperial para desfazer uma situação que se erguia máo grado seu. Tal é o transumpto do manifesto de Barbacena.

Não era esta a idéa de T. Ottoni e de alguns

outros; era a de auxiliares, de que não podiam prescindir.

O plano de *libertar o Imperador* baseava-se manifestamente em errado pressuposto, mas era homenagem á ficção constitucional da irresponsabilidade.

Se mesmo Paulino chamado ao ministerio pelo cortezão Aureliano empregava seu talento e energia para fazer assenhorear-se do poder o seu partido, que a elle não fôra chamado constitucionalmente, a luta material não podia deixar de consolidar, como consolidou, aquella situação a principio artificial.

O movimento habilitava o ministerio para impor-se á confiança da corôa, como os unicos defensores da monarchia.

Em todo o caso a rebellião mineira não passava de diversão e manifestação contra o ministerio, e a formula do juramento de José Feliciano em Barbacena, dizia: « sustentar a constituição, o throno, e dirigir o movimento *em quanto não se oppozer ao systema jurado* »

Acclamado o presidente rebelde, a provincia inteira agitou-se, e em duzias de povoações se levantaram forças quasi simultaneamente, Barbacena foi logo seguida por Pomba, S. João, Lavras, Ayuruoca, Baependy, Santa Barbara e muitas outras cidades e villas; e quem lê os documentos que o monsenhor Marinho colligiu, não póde duvidar um instante que se estes levantamentos fossem logo systematisados, e dirigidos contra a capital, dominariam a provincia inteira, antes que o Sr. Caxias transpuzesse a Mantiqueira com os poucos centos de homens que pôde dar-lhe o governo central.

Mas sendo apenas uma diversão, bastavam, pensava-se, os movimentos parciaes, e até para esses, diz T Ottoni, não se mandou da Côrte uma libra de polvora nem uma espingarda.

Marinho diz tambem na sua obra que nenhuma providencia se dera do centro para armas e munições.

Correu, quando fui preso, e parece que o ministerio o acreditou, que uma fazenda em que eu estivera alguns mezes no termo de Valença, era o emporio das munições e armamentos: deram lá um busca severa, e um tanto brutal. Mas a verdade é que a minha ausencia da Côrte fôra causada por grave molestia, e tão prolongada que, quando os sustos do governo me recolheram á prisão, nem noticia eu tinha ainda do que estava para acontecer em minha infeliz provincia.

Entendi comtudo que me rebaixaria se me justificasse.

Posto ao lado de José Feliciano, T. Ottoni achou-se sempre com os que mais se compromettiam.

Foi um dos treze deputados provinciaes que reunidos em S. João d'El-Rei dirigiram ao presidente rebelde uma notavel mensagem de animação.

Em S. João, precisando o chefe de dous amigos seguros para missões delicadas, foi mandado Ottoni para Barbacena e Marinho para Baependy.

Perderam os rebeldes muito tempo, mas afinal reuniram suas forças ao Sul da capital, e marcharam a ella por Queluz, que acharam occupada por tropas do governo, ao mando de um coronel hoje fallecido. Tomaram a villa de assalto.

No conselho de guerra que precedeu ao ataque dizia o bravo Galvão, que a posição era de muito facil defeza; que atacaria se tivesse ordem, mas não respondia pelo exito.

— Respondo eu, disse Ottoni, visto que commanda o Sr. Galvão.

Depois e apezar da victoria de Queluz, tornando-se sabida a quéda de S. Paulo, o presidente e muitos de seus amigos só cuidavam de evitar conflictos, e manifestamente desgostosos do movimento não queriam atacar Ouro Preto. Demais a columna era fraca por não ter feito juncção com a do Norte (Santa Barbara),

Nesta situação propoz T. Ottoni a seguinte solução:

« § 1.º Que o presidente interino proclamasse a todas as forças que em seu nome podiam estar e de facto estavam em armas na provincia, que tendo sido feita a revolução de Minas unicamente como uma manifestação destinada a apoiar a de de S. Paulo, pacificada aquella provincia, deviam os mineiros depôr as armas, e a isso os convidava.

« § 2.º Que esta proclamação fosse de prompto enviada ao barão de Caxias, declarando-se-lhe que, para evitar a effusão de sangue, e pelo motivo na dita proclamação exarado, depunham os mineiros as armas, depois de uma victoria

brilhante, qual a de Queluz e se entregavam á discrição da clemencia imperi l.

« § 3.º Que então todas as pessoas notaveis que se achavam no acampamento, tendo á sua frente o presidente interino, se fossem apresentar ao general em chefe. »

Esta proposta não foi aceita, mas a hesitação continuou apezar da chegada do reforço esperado que elevou a força rebelde a mais de 3,000 homens bem armados municiados.

Marchando este exercito para Sabará sem atacar Ouro Preto que mui facilmente tomaria, o Sr. Camillo Armond (barão de Prados) retirou se declarando que os *pannos quentes* perdiam a revolução.

Nada direi das marchas posteriores até Sabará, e d'ahi para Santa Luzia, senão que nas tropas o enthusiasmo era febril, mas os chefes pareciam querer ganhar tempo, desejando uma composição para depôr as armas.

Quem lê os documentos officiaes que monsenhor Marinho colligiu fica infelizmente persuadido que o sangue derramado em Santa Luzia podia talvez ser evitado.

A 19 de Agosto, approximando-se Caxias José Feliciano fiel á sua idéa, que nada mais queria do que diversão em auxilio de S. Paulo retirou-se, e a presidencia foi offerecida a T. Ottoni.

Sobre os motivos por que não aceitou, e os resultados provaveis se aceitasse falle elle mesmo, accrescentando sómente o biographo que o archivo rebelde e os documentos de legalidade igualmente justificam as suas asserções.

« A' pag. 252 e seguintes, e nos documentos que se leem no 2º volume, o historiador mineiro (Monsenhor Marinho) registrou :

« 1.º O proposito em que eu estava em 19 de Agosto de aceitar a presidencia e a direcção do movimento depois da batalha que teve logar no dia 20.

« 2.º A resolução que de accordo com outros amigos tomei no dia 20, de acabarmos com a revolução em Santa Luzia, e ahi ficarmos para sermos presos, em vez de nos retirarmos escoltados pelas forças respeitaveis de Galvão e Alvarenga, que até á noute occuparam a ponte da villa para protegerem a retirada dos insurgentes.

« 3.º O facto de se acharem na Lagôa Santa no dia 21, immediato ao da batalha de Santa Luzia, mais de 2,000 homens bem armados e municiados, e que debandaram por se ter dissolvido o governo insurgente.

« 4.º O importante documento assignado pelos coroneis Galvão e Alvarenga perante o subdelegado de Mattosinhos, declarando que debandavam suas forças, recolhiam se ás suas casas, e não se opporiam mais ás *leis em vigor, afim de pôr termo ao derrramamento de sangue dos mineiros* E' tambem datado de 21 de Agosto de 1842.

« Bem apreciados os dados expostos, claro está qual era a ordem das minhas idéas naquella crise.

« Se o Sr. barão de Caxias fosse vencido, como tinhamos as melhores esperanças de que o fosse, a revolução estava terminada pelo triumpho, e estaria acabada a guerra civil. «*Dentro de tres dias*, dizia eu aos meus amigos, *estamos no palacio de Ouro-Preto, dentro de quinze dias um ministerio liberal terá suspendido a lei inconstitucional de* 3 *de Dezembro e a do conselho de Estado, e terá annullado o decreto inconstitucional que dispersou os representantes da nação.* »

« Nossa tarefa estaria finda, restabelecida a ordem, a ordem bem entendida, que é inseparavel da verdadeira liberdade.

« Perdida a batalha de Santa Luzia, sobravam os elementos ao partido liberal para continuar uma guerra de recursos, cujo resultado é difficil calcular qual teria sido.

« Mas eu não comprehendo revolução senão quando o povo se levanta em massa para dizer aos seus oppressores : «*Basta* ».

. . . .

« Julguei que em taes circumstancias mais ganhava o paiz se da sentença lavrada pelas bayonetas do Sr. Caxias appellassemos para os tribunaes judiciarios.

« E, como só podiamos discutir estando presos, ficámos em Santa Luzia havendo-se retirado os chefes militares, a quem o juizo dos seus pares nos conselhos de guerra não podia inspirar a confiança que depositavamos no jury.

. . . .

« Os Srs. José Pedro Dias de Carvalho, vigario Joaquim Camillo de Brito, coronel João Gualberto Teixeira de Carvalho, capitão Pedro Teixeira de Carvalho, tenente Antonio Teixeira de

Carvalho, padre Mancel Dias do Couto Guimarães e Francisco Ferreira Paes voluntariamente esperaram commigo a entrada do exercito vencedor, para darmos testemunho de que alli tinhamos ficado até a ultima hora e que a revolução estava acabada. »

Os incidentes da prisão, as algemas, a viagem a pé, os insultos e ameaças, foram o assumpto de um itinerario publicado da cadêa de Ouro Preto, e que teve immensa aceitação: foi um dos mais efficazes meios de agitar o espirito publico em favor dos vencidos.

1843 viu os processos, e a justificação do movimento pelo jury, com a absolvição de todos os autores que foram julgados.

A assembléa provincial eleita antes da revolta, tinha maioria liberal, que desejara representar pedindo a amnistia; não o fizeram, por se opporem a isso os seus amigos presos que tinham fé no julgamento de seus pares (1).

Marinho escrevendo de seu esconderijo a T. Ottoni, quando o soube absolvido, disse: *dou-te os parabens, porque escapas á amnistia.*

Os movimentos de Minas e S. Paulo consolidaram no poder o partido conservador, que a 30 de Janeiro de 1843 conseguiu organisar um ministerio dos seus, puro e sem mistura. O de 23 de Março dissolveu se, disse Paulino de Souza. « porque existiam entre seus membros desconfianças em pontos de lealdade de uns para com os outros ».

Rematarei este capitulo com mais uma transcripção da circular de 1860: é o tocante cumprimento dirigido pelo distincto mineiro aos jurados que o absolveram (soffrera 16 mezes de prisão).

« O presidente do conselho era o distincto mineiro e meu amigo o Sr. José Marianno Pinto Monteiro, hoje residente em Ubá, e alli um dos prestigiosos chefes do partido liberal.

« O Sr. Pinto Monteiro fez-me presente da penna com que havia lançado as respostas unanimes aos quesitos do juiz de direito. Essa penna é uma reliquia preciosa que conservo inactiva depois de 18 annos, vae hoje servir-me para escrever neste papel, afim de que sejam transmittidos á imprensa, acompanhadas de bençãos sinceras e de meu agradecimento immorredouro, os nomes dos cidadãos cujo memoravel verdict me restituiu á minha familia puro de toda a criminalidade.

São os Srs.:

« José Mariano Pinto Monteiro, presidente.
« José de Souza Cunha, secretario.
« Francisco Xavier Pereira.
« Manoel Coelho Linhares.
« Ignacio Alves da Rocha.
« José Pedro Gonçalves.
« Quintiliano de Abreu e Lima.
« Antonio Gonçalves Machado.
« Francisco José Ferreira.
« Manoel Francisco Damasceno.
« Manoel Moreira da Cruz.
« José Bernardino dos Reis. »

Tolerem estes cavalheiros que diante do tumulo do amigo que tanto lhes devia, eu ajunte ao agradecimento delle as minhas homenagens.

IX

1844 A 1848.

A viravolta politica de 2 de Fevereiro de 1844 é uma das provas de que o governo representativo está profundamente viciado entre nós.

Quando diziamos que naquelle anno e nos immediatos o partido liberal não governara, soffriamos toda a sorte de improperios.

Mas a verdade é que esse partido nem podia então ser chamado ao poder.

Os conservadores tinham organisado o seu governo forte com as leis de 1841, e sómente as tinham applicado em 1842 para reprimir rebelliões, em 1843 para processar e punir os compromettidos. Só d'ahi em diante, iam governar com a paz e mostrar, se podessem, a verdade das suas doutrinas; fôra absurdo crêr que o poder moderador, tendo proclamado a excellencia d'aquella politica, a condemnasse antes de ser executada.

As camaras unanimemente sustentavam o gabinete, e o partido opposto apenas começava a apparecer na imprensa, que quasi se limitava a protestar contra a compressão judiciaria e policial que pesava sobre os vencidos.

Onde pois se habilitara o partido liberal para subir ao poder em Fevereiro de 1844?

Chamal-o então seria justificar as rebelliões de Minas e S. Paulo.

(1) O 1º rebelde absolvido foi o Sr. Dr. Joaquim Antão Fernandes Leão, em 17 de Dezembro de 1842; presidiu ao conselho de julgamento o Sr. Bernardo Xavier Pinto de Souza, então 1º official da secretaria do Governo.

A verdade é tambem que a idéa liberal não foi chamada ao poder. Prova-o a declaração feita ao parlamento pelo ministerio que cahiu. Disse o verdadeiro chefe dessa situação e do partido dominante:

« *O Sr. Carneiro Leão*: A causa da retirada do ministerio foi uma questão pessoal: *nenhuma havia na politica, quer interna, quer externa. Eu comprehendi que o pensamento da Corôa era conservar a mesma politica*, dadas as divergencias que se podem dar entre dous homens que participam dos mesmos principios. *Pareceu me que a Corôa queria manter a mesma politica* Porém o ministerio entendeu que não podia continuar a servir um chefe de repartição de fazenda que era inteiramente opposto á sua politica e que por algum motivo occulto era inimigo pessoal da administração »

O viciamento da fórma de governo está completo neste facto: a Corôa não reconhecêra a necessidade ou a conveniencia de mudar a politica, e mudou-a por causa de uma questão pessoal!

O facto se tem repetido mais de uma vez. Na sessão de 17 de Julho de 1868 tive a honra de offerecer algumas ponderações ao actual ministerio no momento de sua ascensão, e o que mais me impressionava era uma circumstancia analoga á que acabei de assignalar. A Corôa não resolvera mudar a politica, pois que recusada a referenda á escolha do Sr. Torres Homem, não aceitou a demissão do ministerio, e exigiu que o Sr. Zacarias reconsiderasse por 24 horas a sua decisão; ora, disse eu na camara e repito, se as conveniencias publicas não indicavam mudança de politica, podia ser motivo para ella a escolha do Sr. Salles?

Tantæ molis erat?

Não sou suspeito, quer em um quer em outro facto, porque fazia ao ministerio do Sr Zacarias tanta opposição como faria ao do fallecido Carneiro Leão, se fosse então deputado: na imprensa o hostilisava.

Condemnados porém os conservadores, nem por isso a idéa liberal subiu ao poder.

Perguntar-me-hão: não eram liberaes os ministros de 2 de Fevereiro? Eram de certo em sua maioria; não o era J. C. P. de Almeida Torres: mas fossem embora todos liberalissimos, são cousas muito diversas recrutar ministros entre um partido, ou chamar ao poder essa opinião politica.

E' sabido que na organisação de 2 de Fevereiro e nas seguintes, varios chefes liberaes lembrados por diversas deputações e bem aceitos pelos presidentes do conselho, *não poderam ser ministros*: foram elles mais de uma vez apontados por seus nomes sem contestação.

A explicação dessas situações anomalas é simples: a alta intelligencia que exerce a delegação do poder moderador, entende que a *escolha livre* dos ministros não tem limites. Nomea-os por vezes—independentemente da luta das opiniões politicas: e cada ministerio indagará em que partido deve apoiar-se.

Bem que a idéa liberal não fosse chamada ao poder, os liberaes sustentaram o novo ministerio, que promulgou a amnistia e restabeleceu-os em seus direitos.

Tambem por isso nos censuraram; mas a necessidade era indeclinavel. Comquanto em Minas e S. Paulo muitos conservadores se mostrassem magnanimos para com os vencidos, comquanto o jury houvesse innocentado os chefes da rebellião, as paixões em ebullição produziam seus naturaes effeitos; por todo o Sul, no Ceará, e outras provincias continuava a rede dos processos e perseguições, e quasi todas as influencias locaes do lado liberal estavam presas ou foragidas.

Em tanta oppressão a amnistia era um immenso beneficio; e accrescentando que o ministerio precisava de rehabilitar os liberaes, tendo rompido com os conservadores, que outro partido deixaria de fazer o que fizemos?

Disseram-nos por zombaria: *é apoio de gratidão*; mas não havia motivo para a zombaria.

Os liberaes de Minas nesse anno elegeram senador o marquez de Itanhaem, nullidade politica e intellectual; e a explicação dada a todo o partido na provincia era a seguinte:

Foi tutor do Imperador menor; Sua Magestade o Imperador muito o considera; fazel-o senador é uma homenagem de gratidão pelo decreto de amnistia.

Esta aliás fôra imposta como condição por Alves Branco, que então não estava ligado a partido algum; mas era verdadeiro liberal, e precisava dos seus co-religionarios

Que estes, garantindo-lhe um apoio que então chamaram— *maiorias de ternura*, não eram responsaveis pela politica, prova-o além dos factos já expostos a declaração que fez o ministro Al-

meida Torres que o partido seria rehabilitado *depois de longa quarentena.*

T. Ottoni enchergou no desenvolvimento natural de uma tal situação o restabelecimento da luta no terreno constitucional, e com armas iguaes; enchergou a rehabilitação do partido; e não devia embaraçar o allivio levado a milhares de amigos proscriptos e foragidos. Por isso apoiou com o voto o ministerio de 2 de Fevereiro e os seguintes: mas da natureza d'este apoio fallo elle mesmo:

« Achando-me em unidade e não querendo embaraçar os chefes do partido liberal, que julgavam das trevas poder tirar a luz, eu me abstive systematicamente de toda a discussão sobre politica geral.

« O meu silencio de então foi largamente commentado pelas folhas da opposição conservadora. Mas o que poderia eu fazer contra a torrente? A reacção da maioridade corria á redea solta, e não havia recurso senão curvar a cabeça e deixar passar a onda..»

Foi no anno de 1844 que teve fim a rebellião do Rio-Grande do Sul, pacificação devida em parte a T. Ottoni.

Quando o Sr. conde de Caxias propoz a Canavarro condições para a terminação da luta, quiz aquelle general ouvir o parecer do democrata mineiro, a quem mandou como emissario o Sr. tenente Martins (hoje coronel), que fez a viagem, sob nome supposto por Coritiba e S. Paulo, e aqui foi por mim hospedado. Póde-se julgar dos conselhos de que foi portador este emissario pela seguinte carta do bravo general rio-grandense:

« Illm.Sr. Theophilo Ottoni.—Se ha mais tempo não tenho respondido á estimada carta que V. S. se dignou dirigir-me em 24 de Setembro do anno findo, tem sido essa falta devida á escassez de um seguro meio pelo qual fizesse chegar ás mãos de V. S. a minha resposta. Agora porém, contando com o favor do meu illustre amigo o Sr. José Simeão de Oliveira, por cuja intervenção espero que V. S. não deixe de honrar-me com suas lettras, vou pagar uma divida em que estava para com V. S.

« Tomando em alta consideração as sabias reflexões de V. S., fiquei convencido da impossibilidade de levar a effeito a desejada federação desta provincia, pela qual fervorosos pugnaram mais de nove annos os rio-grandenses livres, tanto mais assegurando V. S. que só deviamos contar com os nossos irmãos d'armas, por isso que nenhuma coadjuvação nos proviria dos homens que em 1842 lutaram em S. Paulo e Minas a favor dos mesmos principios, e *que finalmente os proprios chefes do partido progressista quando no poder fazem a mesma guerra que os regressistas.* Apreciando pois a franqueza de V. S. e leal exposição que me fez do estado geral das cousas, me convenci a empregar os meus esforços e diminuta influencia na terminação da guerra que por tanto tempo devastou as bellas campinas deste continente, podendo assegurar a V. S. que *a sua carta foi o pharol que conduziu os continentistas ao desejado porto.*

« Oxalá que *esse tão relevante serviço por V. S. prestado em favor do bem geral, e da liberdade, fosse um dia lembrado pelo governo com o mesmo apreço com que o recordam os rio-grandenses livres.*

« Desnecessario seria relatar a V. S. as condições por que foi terminada essa importante questão, visto que dellas está V. S. scientificado.

« Hoje me acho retirado á vida privada, e por isso sómente com as influencias de um particular; porém mesmo assim me ufanarei se tiver occasião de executar as ordens de V. S., de quem com o mais alto apreço e consideração me firmo, attento venerador e criado—*David Canavarro.*

« Fazenda da Alegria, 30 de Maio de 1845. »

Não se gabou T. Ottoni desta sua cooperação em favor da paz, e só na sua circular de 1860 della deu conhecimento ao publico. O motivo do silencio era simples: não pretendia em remuneração uma commenda.

Em sua inacção politica, no periodo que nos occupa, cuidou todavia de prestar á liberdade os serviços que a quadra comportasse, e promoveu a votação da lei eleitoral de 1846, em maxima parte feitura sua.

Viciada depois essa lei pela jurisprudencia dos avisos, executada por uma policia omnipotente, auxiliada pelo recrutamento, é de certo hoje de todo manca e inefficaz. Mas é innegavel que foi a primeira que garantiu direitos serios ás minorias; e por este motivo cooperaram os mais illustrados conservadores para a sua promulgação.

Em 1846, quando foi baptisada a serenissima princeza imperial D. Isabel, houve de compa-

Não foi uma empreza improvisada: de longa data o objecto d'ella, altamente interessante á provincia de Minas, era assumpto das averiguações de T. Ottoni.

Já mencionei como nas primeiras legislaturas provinciaes o estudo da configuração do terreno suggeriu-lhe a idéa de facilitar a sahida para o oceano de boa parte da provincia, d'elle separada por poucas dezenas de leguas de mattas devolutas, e distante d'esta Côrte cerca de 200 leguas em direcção quasi parallela á costa.

Em Julho de 1841 discutindo o orçamento do Imperio, e fazendo algumas objecções á idéa então muito recommendada da abertura de communicações de Ouro-Preto para o Espirito-Santo, advogava elle de preferencia a de Minas-Novas para Caravellas ou suas immediações. Eis as suas palavras:

« O municipio de Minas Novas aproveita-se já do Jequitinhonha e de sua nascente e insignificante navegação para obter alguns generos de primeira necessidade da Bahia; muitos outros desses generos, ou se vão buscar em costas de bestas á cidade da Bahia, ou ao Rio de Janeiro, caminhando-se por terra a distancia de 150 para 200 leguas; entretanto, toda esta interessante comarca está em muita visinhança com Porto Seguro e Caravellas; a população tem affluido para aquelle lado, e se se facilitarem as communicações, o algodão, interessante ramo de producção da industria agricola de Minas Novas, e que hoje talvez não se produza em maior escala por causa das despezas extraordinarias do transporte, immediatamente terá um incremento consideravel, porque, em vez de se transportar este producto por 150 ou 200 leguas, poder-se-ha transportar por 20 ou 40 leguas. Creio que, á vista destas considerações, o nobre ministro procurará antes dar impulso á communicação da provincia de Minas por estas duas extremidades do que pelo centro com a provincia do Espirito Santo. »

A esta exposição, para conter o programma inteiro da empreza Mucury, só falta a indicação do valle pelo qual devia abrir-se a desejada via de communicação.

T. Ottoni, não reeleito deputado em 1849, organisou a companhia que com o capital de 1,200:000$ projectou resolver o problema e colonisar aquellas mattas.

A abertura das communicações com o oceano fez nascer e tornou praticavel uma idéa politica, aceita pelo marquez de Paraná, advogada por varios deputados, mui bem acolhida pelas populações a quem interessava, e para resumir tudo em uma só palavra, medida de vantagem intuitiva.

Tratava-se de crear uma nova provincia, contendo a comarca do Jequitinhonha e parte das do Serro e S. Francisco, em Minas; a de S. Matheus no Espirito Santo; e as de Caravellas e Porto Seguro na Bahia.

A nova provincia e sua rede de estradas, approximaria do oceano mais de 100,000 habitantes do norte de Minas, facilitaria o roteamento de extensissimas mattas, e daria um porto de mar a uma grande parte da provincia que não póde continuar, em toda a sua vasta extensão, dependente da alfandega do Rio de Janeiro.

E a principal arteria do novo corpo politico seria a estrada da companhia Mucury.

Para um orçamento seguro da empreza seriam precisos estudos dispendiosissimos; bastará dizer que a caravana partindo de Minas Novas para esse fim teria de viver mezes no centro das mattas cercada de tribus de indios mais ou meno ferozes conservar-se armada, abrir picadas e conduzir mantimentos, barracas, ferramentas, tudo ás costas de bestas.

Taes estudos excediam as forças de qualquer particular, e forçoso foi deixal-os pesar depois sobre o capital da companhia.

D'ahi a primeira incerteza.

Mas roteiros de exploradores anteriores, que a secretaria do governo forneceu ao emprezario, pareciam levar á evidencia, que a sahida de Minas Novas para o oceano dependia de 12 a 16 leguas de estrada por construir, e 30 a 40 leguas de navegação a aproveitar sem obras hydraulicas e sem embaraço natural.

Em logar disto, só se encontraram navegaveis 25 leguas do rio, e foi preciso construir mais de 40 leguas de estrada.

Extraio estes algarismos não dos documentos da companhia, mas do relatorio do commissario nomeado pelo governo para a liquidação da empreza. Declarações insuspeitas, notarei desde já, porque esse mesmo commissario escreveu annos depois estas palavras:— « fui o aspero antagonista dos Srs. Ottoni, na liquidação de Mucury »

Esse mesmo relatorio, fallando da concessão, consigna o facto que a companhia procurou fazer valer seus proprios recursos e os que pre-

tendia crear, em vez de pezar sobre os cofres publicos.

Lê-se á pagina 6:

« Assim em logar de emprestimos de seus cofres, subvenções annuaes e outros favores dessa especie, que posteriormente teem sido concedidos no Brasil a emprezas semelhantes, os que a companhia do Mucury solicitou, foram uma serie de immunidades, que favorecendo o seu futuro, pouca ou nenhuma força lhe prestavam, quando mais della carecia, isto é, no seu desenvolvimento »

Pondo de parte a censura de *erro de calculo*, não se póde caracterisar melhor uma empreza honesta.

O emprezario estipulou mais nos estatutos, que não perceberia elle remuneração pecuniaria emquanto não distribuisse aos accionistas *mais* de 6 % liquidos de seus capitaes.

Subscreveu por 500 acções de 300$, 1/8 do fundo social. E é tambem verdade, como ha dias escreveu o Sr. ex-guarda livros da companhia, que se onerou ainda depois com a compra de outras acções, pelas quaes por considerações de pundunor viu-se obrigado a pagar o premio que tinham na praça.

Todos os parentes proximos do emprezario que dispunham de alguns meios concorreram com capitaes tomando acções. Seus irmãos Augusto Ottoni por todo o tempo da duração da companhia, e nos ultimos annos o Dr. Ernesto Ottoni, dedicadamente coadjuvaram a sua administração.

No momento da encampação possuia o director 628 acções, que com os premios a que alludi representavam um emprego de cerca de 200:000$ Ver-se ha em pouco o porque consigno estes algarismos.

Complete a lista dos sacrificios e das dedicações o facto de ter abandonado para bem administrar a empreza o seu giro commercial, que bem sabe esta praça quanto era lucrativo.

Por alguns annos quasi só pensava em Mucury. Grande parte do tempo passava-o nas brenhas, soffrendo o que só bem julga quem já viajou per mattas deshabitadas, precedido de fouces que abrem o caminho. .

Em certa occasião de grande demora nas picadas morreram os animaes de carga, e sendo precisos os de sella para carregar os viveres e bagagens, o director, seu cunhado Joaquim Maia e mais companheiros, acharam-se a pé por algumas semanas.

E mais de um dia alimentaram-se exclusivamente de fructas silvestres e palmito sem sal.

Esta tenacidade foi coroada. As communicações abriram-se e fundou-se a cidade de Philadelphia, á margem do Todos os Santos, tributario do Mucury, emporio e centro das communicações para o norte de Minas, distante 27 1/2 leguas do termo da navegação fluvial em Santa Clara. Nestas 27 1/2 leguas construiu-se estrada de rodagem, sem declive superior a 5 %.

A abertura da estrada de Santa Clara a Philadelphia e a inauguração deste emporio commercial, despertaram immense jubilo nos habitantes do norte de Minas; milhares de pessoas vieram 10, 20 e mais leguas para assistir áquella festa civilisadora, a que se associavam numerosas tribus de indios.

A recente cidade fremia de enthusiasmo; nas ruas cantava-se entre vivos applausos um hymno apropriado, lettra do Sr. Dr. João Salomé de Queiroga, juiz de direito do Serro, musica do Sr. padre Pacifico, digno vigario de Minas-Novas. Tolerem a reproducção do que a minha memoria conserva do hymno enthusiastico.

A fouce, o machado,
A serra e o malho,
Irmãos e amigos,
São nossos trophéus;
Gentil Philadelphia
Nasceu do trabalho,
Bemdita dos homens,
Bemdita de Deus

. . . .

Irmão predilecto
Bom genio fadado,
Theophilo amigo,
Recebe oblações,
Que nós te offertamos
No altar consagrado
De nossos fraternos,
Leaes corações.

Disse-se então a primeira missa n'aquellas selvas, e é-nos grata recordação que as imagens em roda das quaes se concentraram as orações dos fieis, na pequena e improvisada capellas eram as do antigo oratorio do bom velho Manoel Vieira Ottoni, nosso avô, imagens que suas filhas, e hoje suas netas, conservam com respeito tradicional e religioso.

ıram os pennates. . não, eram os anjos da
.rda da familia Ottoni.

'e Philadelphia deviam irradiar diversas es-
las, de que dão noticia os relatorios da
ıpanhia; mas para tanto não podia bastar o
ital emittido; já notei que os trabalhos a
cutar eram o quadruplo do que faziam crêr
roteiros em que a companhia baseou seus
:ulos.

ma das feições caracteristicas desta com-
hia foi o interesse paternal de seu director
ı com os indios. Seus esforços intelligentes
umanos já começavam a ligar ao solo aquel-
infelizes, infundindo-lhes gosto pela cultura
erra, quando uma politica incomprehensivel
.guiu a empreza, como daqui a pouco nar-
ii.

ão se póde lêr sem commoção a memoria
a respeito dos indios do Mucury dedicou T.
ni ao illustrado Sr. Dr. Macedo.

:toni colligindo numerosas informações e
dos proprios procurou resolver a questão
orica: quaes são os actuaes descendentes dos
ıorés, Abatiras, Pataxós, etc. E de suas ave-
ações parece resultar que: 1.° Todas as tri-
que habitam ao valle do Mucury pertencem
ça dos Botocudos; 2.° Antes d'estes habi-
m aquellas mattas selvagens de outra raça
s civilisada, da qual restam vestigios no
, como tapéras, telhas de antigas habi-
es, etc.; 3.° Esta raça foi dizimada pelos
ocudos, e seus ultimos representantes sob
omes de Malalis, Machacalis. etc. ha al-
s annos apresentaram-se em um quartel no
dos Bois pedindo a protecção dos chris-
, que os transportaram para o Jequitinho-
onde existem aldeados; 4.° Os Ma-
e Machacalis mais intelligentes, mais aptos
receberem a civilisação do que os Botocu-
pertencem incontestavelmente á raça Ta
, e são portanto os descendentes dos valen-
Aymorés. Todas as tribus de Botocudos per-
em á raça estupida dos Tupis.

ıbmettido este problema historico á pessoa
competente para resolvel-o, e ignorando eu
sultado dos estudos do Sr. Dr. Macedo, não
enderei que as averiguações de T. Ottoni
n a ultima palavra na questão. E' porém in-
estavel o seu merito.

:cupado com tantos e tão variados trabalhos
mpossivel que não esquecesse um pouco a
politica; o que de certo concorreu para a re-
nuncia em 1851 de um assento na camara como
supplente.

Lançaram-lh'o em rosto com a odiosidade
ordinaria dos partidos: mas além do grande
serviço que o distincto mineiro queria prestar
á sua provincia, era responsavel pelos capitaes
de seus consocios e não podia abandonar a ges-
tão delles.

Em 1859 votou o corpo legislativo um em-
prestimo de 1,200:000$ para desenvolver e com-
pletar as uteis vistas da empreza Mucury; mas
na execução da lei o governo imperial quiz
impôr condições por tal modo duras que em-
bora com *deficit*, a companhia as repelliu e teve
de sujeitar-se a uma encampação imposta pelo
governo.

Havia manifestamente proposito de dissolver a
companhia, em odio a seu director.

Não deduzirei as provas por demais extensas
desta ultima proposição; mas as circumstancias
narradas no relatorio de 1860, que corre impresso
não deixam duvidas a respeito.

Perdoe Deus (ja lhe daria contas) ao alto func-
cionario que como preliminar para a morte da
companhia se encarregou da missão de anarchi-
sar a sua colonisação, e ao presidente do conse-
lho que deu o *coup de grâce*, sophismando o em-
prestimo dos 1,200 contos.

A empreza succumbiu: é justo exceptuar da
queixa o Sr. Conselheiro Almeida Pereira, Mi-
nistro do Imperio, que no contrato para a liqui-
dação deu demonstrações de robusta fé na leal-
dade da administração; e este foi tambem o es-
pirito de mais de uma decisão do conselho de
Estado.

O relatorio da liquidação, publicado em 1862
pelo commissario da companhia o Sr. Dr. Er-
nesto Ottoni levou á ultima evidencia a genero-
sidade com que se prestou até o fim a victima
de uma politica, que só chamarei incompre-
hensivel.

Suas instrucções ao commissario que nomeou
se resumiam nesta recommendação—*condescender
e concordar com o commissario do governo, todas as
vezes que a divergencia não fôr muito sensivel ou
desarrasoada.*

Do espirito das instrucções dadas ao commis-
sario do governo se julgará por estas palavras
de um seu officio: «. . . o saldo em terras a re-
« ceber pela companhia não ha de ser pequeno,
« sendo hoje todo o meu empenho tirar-lhe as

« proporções colossaes que ella calculou desde o « principio receber, *segundo as clausulas do con- « trato* »

E tambem pelas declarações que mais de uma vez subscreveu o mesmo commissario do governo, nestes termos—*Minha missão era debellar a familia Ottoni.—Fui o aspero antagonista dos Srs. Ottoni, etc.*

A empreza extinguiu-se: seu leal fundador já tambem não existe. Perdoe Deus aos vivos e aos mortos, a quem o futuro da companhia do Mucury era phantasma assustador

Para terminar este capitulo que se vae alongando, quero tocar em um ponto melindroso, a probidade da gestão.

Os que conheceram de perto a T. Ottoni, os seus amigos, os meus amigos hão de extranhar-me este pequeno episodio,

Algum delles dirá talvez como Tacito na vida de Agricola: *Integritatem atque abstinentiam in tanto viro referre, injuria virtutum fuerit.*

Mas o pronunciamento havido por occasião de sua morte prova que a sua honra é propriedade da sua patria... E nem todos o conheceram de perto... E aquella reputação, eu a quero pura como a mulher de Cesar.

Notae que mais de uma vez lhe foi lançada a insinuação de improbidade, com a claresa necessaria para pungir, sem a clareza necessaria para habilital-o a esmagar a vibora da calumnia

Demais eu tenho certas opiniões sobre a materia, profundamente arraigadas.

O cidadão que administra com arbitrio fortuna publica ou capitaes alheios, deve sempre dar contas de si; e não é fóra da razão que, se o exige quem tenha tal direito, torne patente o que possuia antes, e o que possue depois da sua gestão.

Mas essas pungentes justificações, homem de brio não as deduz emquanto vivo, nem em resposta ao detractor anonymo, nem perante os que fogem á responsabilidade das aleivosias que insinuam ou propagam.

Depois de morto o director da companhia do Mucury, o que vou escrever a seu respeito augmentará, se é possivel, a veneração que cerca seu tumulo.

Taes sendo meus principios, não posso dispensar o leitor de tomar conhecimento dos seguintes factos:

Ao encorporar a companhia do Mucury, seu emprezario possuia uma fortuna modesta, superior ás suas necessidades; eram os proventos do seu commercio unidos ao dote de sua mulher. E' notorio no Rio de Janeiro.

E' tambem notorio que T. Ottoni não jogava, não dissipava; passou os seus melhores tempos em aurea mediocridade.

Entretanto:

Perdeu os juros de dez annos de cerca de 200:000 $.

Perdeu 20 % deste capital, que ficaram representados por terras, de presente sem valor.

Cessaram todos os proventos de seu esbelecimento commercial, cuja liquidação trouxe novos prejuizos.

Trabalhou dez annos sem remuneração e sem rendimentos, augmentando suas despezas ordinarias, e accrescentando as do tratamento de graves enfermidades.

Foi onerado com juros de operações de credito, a que as circumstancias expostas o obrigaram.

Tudo resultado de seu procedimento honesto e dedicado na empreza que creára e dirigia.

E pois o governo imperial quando dissolveu a companhia Mucury, destruiu tambem a fortuna de seu leal fundador.

E a viuva e o filho do senador Ottoni aceitam o espolio de seu casal em beneficio do inventario.

Tenho fé que os leitores hão de comprehender-me, e não me extranharão o que acabo de escrever.

Eu sei que a pobreza em si não é motivo para louvor ou vituperio; em proclamal-a toma ás vezes a vaidade a capa da modestia.

Mas bem ponderadas as circumstancias todas que acompanharam a vida de meu irmão, o publico ha de apreciar o valor real desta informação que lhe dou: *Theophilo Ottoni morreu pobre.*

XI.

ATÉ A VOLTA AO PARLAMENTO EM 1861.

Disse ao começar o capitulo antecedente que a abstenção politica de T. Ottoni nunca foi absoluta; o fogo sagrado ardia sempre nas aras do patriotismo.

Em 1818, bem que fosse manifesto que os conservadores, recebendo o machado para a derrubada, não terião as condescendencias que com elles tem sempre a politica *nos seus inter-*

regnos, e bem que já Ottoni estivesse resolvido a dedicar se todo á empreza Mucury, *que precisava de protecção*, entretanto protestou com rigor contra a anomalia do facto politico que acabava de dar-se e contra a adulteração, já então bem evidente, do governo representativo.

Protesto que fez exclamar uma voz—*Alea jacta est*.

E outra—*Achilles sahiu de sua tenda.*

Emfim de Junho de 1851, distinctos opposicionistas organisaram um programma, em que figurava esta declaração—*os liberaes renunciam a toda a idéa de reforma constitucional.* E publicada no *Jornal do Commercio* uma noticia do que se passara no comicio nocturno, no dia seguinte lia-se no mesmo jornal a seguinte declaração:

« Temos motivos para fazer saber ao publico que não fizemos parte da reunião de que dá noticia o *Jornal* de hoje.—T. B. OTTONI.—C. B. OTTONI. »

Declaração que nos valeu uma lisongeira felicitação, firmada por 51 dos mais distinctos liberaes da cidade de Itabira, em nossa provincia.

Nos annos immediatos T. Ottoni absteve-se de toda a acção politica. E pouco depois do facto citado deixei tambem de ser o correspondente do *Itamontano*, em Ouro Preto.

T Ottoni disse em sua circular « o correspondente era eu » : seria mais exacto se dissesse — era *outro* eu.

Em 1856, quando a provincia de Minas ia eleger uma lista sextupla para provimento de duas vagas no senado, os mesmos dous, sem ser candidatos nem intervir directamente na eleição, expedimos aos eleitores uma circular, cujo transumpto se acha neste periodo della :

« Srs. eleitores mineiros, se desejaes o progresso reflectido e pacifico, a reforma sem lutas violentas, tentae inocular no senado o principio reformista. »

E concluiamos pedindo fossem eleitos *deputados e senadores que expressamente se compromettessem a pugnar pela renovação parcial do senado em cada legislatura.*

Tambem eu, tolerem este enxerto, fui accusado de sacrificar os principios politicos *nas aras da industria* : mas quando assignava aquella circular, já estava na direcção da estrada de ferro de D. Pedro II a que se fez allusão.

Durando a abstenção politica, parte do tempo do energico emprezario do Mucury foi repartido com um estabelecimento altamente humanitario de que se ufana esta Côrte: *O monte pio geral.*

Eleito presidente, T. Ottoni, o reformador por excellencia, não havia de presidir simplesmente ao expediente. Estudou as bases da instituição, o seu estado presente, as suas necessidades futuras.

Tinham sido fundadores entre outros José Florindo e Bellegarde, que determinaram as joias e as annuidades devidas pelos instituidores de pensões, por um calculo mathematico baseado em uma taboa de mortalidade que adoptaram.

O principio era este : devia cada joia com as respectivas annuidades, e juros compostos pelo tempo de vida provavel do instituidor, produzir um capital sufficiente para ser amortizado pelo pagamento da pensão em tempo igual á differença entre as vidas medias do instituido e instituidor, isto é, pelo tempo provavel da sobrevivencia do primeiro ao segundo.

Balanceando e confrontando com insano trabalho as operações de varios biennios logrou reconhecer o dedicado presidente do montepio que esta instuição tendia a tornar-se insolvavel.

E veio a saber por tradição (os fundadores não deixaram formulas nem noticia escripta de seus calculos) que tinham elles contado com o juro de 7 % correspondente á taxa de 85 % considerada então preço medio das apolices internas.

E, pois que estes titulos haviam subido ao par e acima, descendo os rendimentos a 6 % e a menos, cahiam todos os calculos, e o futuro de numerosas familias dependentes do montepio, se tornava incerto e precario.

Tornou-se pois averiguado que cumpria reformar as tabellas de joias e annuidades, renovando todos os calculos sobre a base cautelosa de um juro de 6 ou de 5 1/2 % Tudo isso se fez por iniciativa e estudos de T. Ottoni, prestando magnifico serviço a seu paiz e á humanidade.

Desculpem me, que allegue a pequena quota de auxilio que prestei á execução da idéa, toda delle. Coube-me traduzir em formula algebrica o principio fundamental, e praticar os calculos das novas tabellas.

Trabalhos que foram adoptados com revisão e retoques de meu mestre o Sr. capitão de mar e guerra José Gonçalves Victoria, caracter se-

vero, ainda hoje uma das columnas daquella utilissima instituição.

Um algarismo eloquente:

Em 1853, quando foi T. Ottoni eleito presidente do monte-pio. o seu fundo era de 614:000$000.

Em 1857 este fundo se elevava a 1,531:000$000.

As zelosas administrações seguintes teem continuado a eleval-o.

Ainda no dia 4 do corrente Dezembro, em uma sessão conjuncta a que assisti como membro do conselho, encontrei bem vivas na illustre directoria as tradições do zelo do seu antigo presidente, continuado por seus successores.

Apezar da reforma das tabellas, restavam ainda receios pela estabilidade da humanitaria instituição; T. Ottoni não tinha podido obter todas as reformas que julgava necessarias; algumas tropeçavam em mal entendidos direitos adquiridos.

Era uma destas a da restituição das entradas ao instituidor da pensão, no caso de não lhe sobreviver o instituido pensionista; restituição que perturba a base mathematica dos calculos dos fundadores.

Essa base é o termo médio da vida provavel de um e de outro; e pois para que os pensionistas que attingem a idades avançadas percebam as pensões sem desequilibrio do monte pio, forçoso é que resulte vantagem ao cofre de todos os instituidos que fallecerem prematuramente antes ou depois dos instituidores.

Esta medida até hoje não se tinha podido realisar; mas, advogada com calor pelos actuaes membros da directoria, foi adoptada no dia 4 por 11 dos 12 membros presentes, tendo contra si sómente um voto, aliás respeitavel.

E' de esperar que a assembléa geral dos socios do monte-pio a quem a questão será submettida não recue diante dos meios precisos para consolidar tão util instituição.

Corria a época que me occupa, quando os mineiros começaram a outorgar a mais esplendida remuneração ao patriotismo do seu conterraneo

Já em Junho de 1857, e logo depois da circular a que alludi ha pouco, elegendo-se uma lista sextupla, não se apresentando T. Ottoni, ao menos directamente, e sendo conservadora a maioria dos eleitores, o resultado foi:

1º Vasconcellos	1,426	votos
2º L. A. Barbosa	1,071	»
3º Souza Teixeira	911	»
4º Godoy	814	»
5º Firmino	789	»
6º José Pedro	752	»
Ottoni	747	»

Demonstração das mais eloquentes.

Para a vaga do barão do Pontal elegeu-se a lista triplice a 21 de Agosto de 1859; e sendo a situação a mesma de 1857, obtiveram:

1º Ottoni	965	votos
2º Barbosa	941	»
3º Teixeira	673	»
Firmino	533	»

Foi escolhido o 2º da lista.

Falleceu neste interim o para sempre veneravel senador Vergueiro, para cuja vaga foi eleita a 11 de Fevereiro de 1860 a seguinte lista triplice.

1.º Ottoni	891	votos.
2.º Teixeira	717	»
3.º Firmino	595	»
Cruz Machado	575	»

Foi escolhido o 2º da lista.

O conselheiro Barbosa havia perecido antes da escolha do Sr. Souza Teixeira; e no dia immediato a esta T. Ottoni declarou pelos jornaes (29 de Abril) que não seria candidato na eleição seguinte: foi ella concluida a 27 de Janeiro de 1861, deste modo:

1.º Firmino	888	votos
2.º Ottoni	858	»
3.º L. Carlos	765	»
C. Machado	710	»

Foi escolhido o 1º da lista.

No anno seguinte (1862) deu-se uma vaga por Matto Grosso, e eis a lista eleita:

1.º Paranhos	111	votos
2.º Pedreira	97	»
3.º Ottoni	87	»
Bispo	21	»

Foi escolhido o 1º da lista.

Finalmente, em 1863, pela vaga do senador Vasconcellos, vindo a lista assim composta:

1.º Ottoni	1,785
2.º Martinho	1,500
3.º S. Lobo	1,586

Obteve T. Ottoni um assento no senado, em Janeiro de 1864.

Mencionei de proposito as datas e os algarismos de todas estas eleições, para cumprir um dever de biographo consciencioso, apreciando a manifestação de 29 de Abril de 1860, objecto de vehementes recriminações.

T. Ottoni declarara que prescindia de mais ser candidato, porque julgava desconsiderada a provincia de Minas, que visivelmente o recommendara para a escolha, e não fôra attendida.

Fique por ora de parte o fundo de justiça da reclamação,e não fallemos do merito relativo dos candidatos ; encaremos esta questão : havia no protesto desacato áCorôa? Fallecia a T. Ottoni o direito de lavral-o?

Sim, me respondem de um lado ; não de outro e tudo depende da doutrina que cada um segue em relação ao poder moderador.

E' elle irresponsavel? A delegação *privativa* exclue o conselho ministerial? A escolha de senadores é uma mera apreciação de merito relativo, questão de consciencia de quem escolhe, sem relações politicas com o governo da nação pela nação? Nesse caso, o desacato terá sido manifesto e imperdoavel.

Mas uma tal doutrina, creio que hoje é apenas sustentada por um unico homem publico, a que já alludi sem nomeal-o.

Sigo escola diversa : não só julgo responsaveis os ministros pelo exercicio do podér moderador, mas creio que teem elles direito, antes dever, de representar, expondo as conveniencias publicas, préviamente ao exercicio das attribuições daquelle poder.

Sobre a escolha de senador firmei esta doutrina em 1848 em documento official, embora reservado.

Sempre me julguei no direito de censurar uma escolha de senador, quando a julgue *pouco acertada*; e assim o fez em 1868 o Sr. conselheiro Zacarias. A censura vae ao referendatario.

Isto posto, qual o crime de T. Ottoni no seu protesto de 1860?

E de mais é ou não verdade manifesta que nas tres eleições de 1859, 1860 e 1861, os dous partidos se uniram em Minas para apresentar á Corôa o nome de T. Ottoni, unico dos votados cuja eleição tinha tal caracter? E' ou não verdade que a este respeito a opinião publica já em 1860 estava pronunciadissima?

Se sim, deviam os ministros aconselhar a sua escolha, e são responsaveis pela preterição como menospreço á vontade do paiz.

Se não, seguir-se-ia que o amor proprio cegou o candidato, e o arrastou a uma queixa infundada; mas era perfeito o seu direito de articulal-a.

Não me demorarei mais em uma questão, em que cada um tem ha muito opinião feita : accrescentarei sómente que se o protesto de 29 de Abril era vehemente, se a phrase era dura, colloque-se qualquer censor na mesma posição e diga em consciencia se póde atirar a pedra.

Outros, os monarchistas por excellencia, teem dito mil vezes mais nos corredores e nas palestras das esquinas ; em publico affectam um zelo que por pouco sincero deve ser mais offensivo do que a franqueza de qualquer explosão.

Voltando á milicia activa da politica, T. Ottoni pleiteou a eleição da Côrte em 1860, e demonstrou ainda uma vez a sua immensa popularidade ; o povo o acompanhava com estremecido enthusiasmo; e quando a agitação ameaçava transviar-se, bastava um aceno do seu *lenço branco* que se tornou celebre, para

motos componere fluctus.

Desta eleição vencida pela opposição liberal, disse depois na camara o ministro da justiça: «não amesquinho o vosso triumpho, que reconheço legitimo. »

No mesmo anno foi eleito deputado pelo 2° districto de Minas, e tomando assento em 1861 serviu na camara até a escolha de senador em Janeiro de 1864.

Seu logar na camara vitalicia está hoje vago: terminarei este capitulo com um pequeno episodio relativo á proxima eleição. Peço que me attendam todos os mineiros patriotas sem distincção de partidos.

Tem se dito que a cadeira deixada por T. Ottoni não póde ser occupada condignamente : mas parece me tal apprehensão exagerada e até injusta para com o nosso paiz.

Fundam-se em que T. Ottoni era uma gloria nacional ; e não fôra o eleito de um partido, mas o mais legitimo representante do Brasil.

E em verdade, se a primeira parte desta asserção tem sido estrondosamente demonstrada desde o dia do passamento, a segunda se torna evidente á vista dos factos que acabo de expor

Não o partido liberal, a provincia de Minas unanime insistiu em mandar ao senado o seu

filho dilecto. Nas eleições citadas de 21 de Agosto de 1859, de 11 de Fevereiro de 1860, de 27 de Janeiro de 1861, os conservadores em grande maioria no corpo eleitoral o contemplaram entre dous de seus chefes; e na eleição liberal de 1863 ainda grande parte da minoria conservadora uniu seus votos aos da maioria liberal em favor do primeiro votado; prova-o a estatistica da votação.

Mas o que destas premissas deve inferir se não é a impossibilidade de bem preencher a vaga, mas a conveniencia de collocar naquella cadeira um vulto superior aos pequenos ciumes dos partidos, uma gloria brasileira não disputada e digna de galardão igual ou superior ao que recebera Theophilo Ottoni.

E nós a temos, essa gloria da patria! ella alli está fulgurante, illuminando com seus reflexos a bandeira nacional e obrigando a respeital-a, inimigos e alliados. A estas palavras cada um dos leitores murmurou-lhe o nome—o VISCONDE DO HERVAL.

Osorio, o velho e intrepido soldado, que se na batalha de hoje é respeitado pelas balas que atravessam-lhe as vestes, que derrubam-lhe os cavallos, que dizimam lhe os ajudantes, recolhido á tenda, em vez de repousar, emprega os momentos de quietação a pensar gloriosas feridas da batalha de hontem.

Osorio, a abnegação sem limites, o patriotismo puro, a modestia e o desinteresse.

Osorio, cuja coragem indomita já quasi não lhe é merito, porque o offuscam seus outros meritos.

Osorio, Srs. eleitores mineiros, merece sentar-se na cadeira de T. Ottoni.

Sua gloria não lhe é pessoal; o lustre que o homerico ancião tem lançado sobre as armas do Brasil não é propriedade de um partido, nem de uma circumscripção territorial: é patrimonio da nação.

Na provincia que elegeu Evaristo, Vergueiro e outros que apenas conhecia pelo lustre de seus nomes, o de Osorio não póde ter emulos nem adversarios.

Srs. eleitores mineiros, honrae-vos e honrae a nossa terra, votando no marechal VISCONDE DO HERVAL!

XII

1861 a 1868

A eleição da Côrte em 1860 fôra um tonico applicado aos liberaes de todo o Imperio; o enthusiasmo propagou-se, o partido reanimou-se.

Na camara de 1861 uns vinte cinco dos eleitos representavam as nossas genuinas tradições; e entre esses fulgurava T. Ottoni. Está fresca a impressão causada por seus discursos vigorosos, quer na verificação dos poderes, quer na discussão do orçamento, ou na censura fulminante dos abusos e nas theses de direito publico.

Apontarei como um specimen, que bem caracterisa o genero de sua eloquencia, a soberba oração que proferiu em defeza do diploma do nosso prestimoso amigo e co-religionario o Sr. conselheiro Tito Franco de Almeida.

Tito Franco, deputado na legislatura antecedente, e na phrase do seu defensor « tendo deixado nos annaes do parlamento vestigios luminosos », attrahira contra si o supremo esforço dos contrarios, que depois de viciarem a eleição conseguiram rejeitar-lhe o diploma.

Occasião das que T. Ottoni nunca perdia para pôr em relevo a sua fidelidade á idéa liberal, a sua lealdade para com seus amigos.

Na camara, depois que os debates poderam bem definil-a, reconheceu-se que pouco mais de metade eram ministeriaes conservadores, e entre estes e os vinte cinco liberaes antigos destacava-se um grupo numeroso de politicos que haviam acompanhado os conservadores e as suas leis de excepção, emquanto não lhes pareceu consolidada a paz interna, mas que presentemente externavam a aspiração de notaveis reformas, e faziam justiça ás nossas intenções.

Estes e os liberaes de tradição em 1861 e até 24 de Maio de 1862 não tinham compromissos reciprocos, não formavam um partido homogeneo; mas encontravam-se em terreno commum, a necessidade indeclinavel de reformas na legislação.

Os novos reformadores de certo precisavam, e naturalmente deviam esperar o nosso apoio. Nós rendiamos homenagem á rectidão e independencia com que se portavam elles na verificação de poderes; espirito de justiça tal, que mesmo quando divergiamos em um caso ou em outro não pairava duvida sobre as intenções.

Este começo de confiança se foi desenvolvendo, especialmente quando o illustrado Sr. conselheiro Zacarias anniquillava o direito publico anachronico, quasi divino, do Sr. conselheiro Sayão Lobato.

Tal foi a feição geral da sessão de 1861 e co-

meço de 1862, durante a qual se deram as notaveis occurrencias de 24 e 30 de Maio.

Fecharei o periodo anterior a esta *aurora do progressismo*, justificando mais um acto de T Ottoni, que em vida lhe foi vehementemente estranhado · a sua publicação relativa á estatua equestre de D. Pedro I.

Duas assembléas provinciaes, trinta e duas camaras municipaes, e algumas sociedades scientificas o haviam designado para represental-as no acto da inauguração da estatua. O nomeado porém não aceitou a missão, expondo pela imprensa os seus motivos, que eram em resumo os seguintes:

A estatua pretende confirmar a opinião de que fôra D. Pedro I o autor da independencia.

A estatua agradece a Sua Magestade Imperial a constituição que nos offereceu.

A estatua pois condemna a manifestação popular que determinou a abdicação em 7 de Abril de 1831.

E T. Ottoni, pensando diversamente, recusou sanccionar com sua presença o que reputava um depoimento falso levado á posteridade. Merecia por isso censura?

Divergi daquella opinião em um ponto não substancial: pensava e penso que o escrupulo podia limitar-se ao relator de cada deputação, unico responsavel pela apreciação historica.

Mas em materia de escrupulos de consciencia cada um é juiz dos limites, em que a sua o encerra; e demais o que importa é saber se o protesto contra a estatua equestre assentou em fundamento legitimo e real.

Examinemos:

A 1ª prova de que a estatua não exprime gratidão do Brasil, está na propria historia do monumento.

Em diversas épocas tomaram a iniciativa para erguel-o cidadãos eminentes dedicados a D. Pedro I, Lucio de Gouvêa, marquez de Paranaguá, conselheiro Lisboa, José Clemente Pereira; e a idéa cahiu, *porque não encontrou éco no paiz*.

Ao que se deveu pois a estatua trinta annos depois? Sem duvida e unicamente á grande actividade de um vereador da Côrte, que promoveu subscripções e ajuntou o dinheiro necessario. Nada mais notorio no Rio de Janeiro.

Póde, porém, pensar-se seriamente que o simples facto de vingar uma subscripção pecuniaria *para a qual se pede*, seja demonstração de uma idéa qualquer? Crê-se deveras que as honras outorgadas por poucos á memoria do pae, perante o filho que dá commendas, que faz viscondes, que escolhe senadores, provam alguma cousa?

Dou por estabelecido esse primeiro ponto: a estatua não era uma aspiração nacional.

Mas diz ella a verdade a este paiz de ingratos?

A idéa de coroar D. Pedro I como autor da independencia nem é sisuda. Autor da independencia em 1822 o principe què em Outubro de 1821 escrevia com seu sangue o juramento de ser fiel ao Rei e á nação portugueza?!!

Não se inspirem no que escreveu T. Ottoni, mas estudem as chronicas; e não restará duvida que dous foram os fins do principe da Beira, adherindo ao pensamento de nossa emancipação, que pouco antes combatia: (« Quizeram e dizem que querem acclamar-me Imperador: protesto, etc. » assim dizia a carta que terminou pelo juramento escripto com sangue)

O primeiro alvo era pôr a corôa na propria cabeça, para que « *não ficasse isto para algum aventureiro*. »

O 2º guerrear o systema constitucional na mãe patria.

E tudo isto condiz com a consulta proposta ao conselho de Estado, annos depois, quando morreu D. João VI. « Convirá que novamente se reunam sob o mesmo sceptro os Estados de Portugal e do Brasil? »

Basta quanto aos louros do supposto autor da independencia.

Seu germen tinha sido plantado nos corações pela inconfidencia de Minas, estava santificado pelo martyrio dos inconfidentes, tinha sido regada a planta com o sangue generoso dos pernambucanos livres em 1817, e era cultivada com esmero pelos Andradas, e por quantos brasileiros tinham cabeça e coração.

Sua realisação era consequencia necessaria da abertura dos portos a todo o mundo, tanto como essa abertura fôra consequencia necessaria da invasão dos francezes na peninsula.

Quanto á constituição já emitti o meu juizo em outro capitulo.

Prescindamos da violenta e criminosa dissolução da constituinte, cuja memoria tão bem vingada foi pelos estudos historicos do illustrado Sr. Dr. Homem de Mello; prescindamos

da hecatombe de Pernambuco em 1824; e demos, sem conceder, que fosse espontanea a offerta da constituição.

Entretanto o modo porque o mesmo monarcha exerceu nos sete annos seguintes o poder real leva á maior evidencia o que em outro logar affirmei, isto é, que D. Pedro I *ou não foi sincero offerecendo-nos a constituição, ou arrependeu se, e a sophismou e nullificou.*

Logo o escrupulo do tribuno tinha em todos os pontos fundamento demonstrado pela historia.

Teria elle o direito de ennunciar e motivar esse escrupulo? Só o que faltava é que lh'o negassem.

Haveria descortezia para com o monarcha reinante na apreciação do merito de seu antecessor, que pertence á historia?

E não haveria lisonja e baixeza nas falseadas homenagens ao pae, beijando as mãos do filho, cheias de dadivas?

Contra taes actos, que praticam alguns, e podem fazer crêr que somos uma nação de aduladores, é util e necessario o protesto, que cultiva os sentimentos proprios de um povo livre.

Era a missão do tribuno, que soube desempenhal-a.

Prosigamos assignalando o seu papel nas seguintes situações politicas.

A maioria que sustentava o gabinete de 2 de Março de 1861 por fraca tornou-se oscilante; e casualmente a 24 de Maio o ministerio Caxias, em questão que fizera sua, achou-se em minoria de poucos votos, e retirou-se.

Chamado o Sr. conselheiro Zacarias contemplou na organisação os seus alliados: bastava ser ministro José Bonifacio de Andrada e Silva para communicar ao gabinete uma bella côr liberal: T. Ottoni e seus amigos o apoiaram com dedicação.

Mas este ministerio cinco dias depois se achou tambem em minoria de poucos votos e demittiu-se, dando logar ao de 30 de Maio.

Convém notar que nestes poucos dias, S. Ex. o Sr. marquez de Olinda defendeu com o voto e com a palavra o gabinete organisado pelo Sr. Zacarias.

T. Ottoni e seus amigos, de quem era o chefe, depois da suspensão e espectativa em que estiveram a principio ambos os partidos, sustentaram tambem o ministerio de 30 de Maio.

Para não mentir á historia cumpre dizer que em tal situação as normas do governo representativo não foram guardadas; tudo estava falseado.

Conceda-se que a maioria de 24 de Maio foi casual e transitoria. Conceda-se que os votos que a formaram não compunham um partido homogeneo, organisado, apto para governar... Nesse caso, o Sr. marquez, hoje duque de Caxias, devia dissolver a camara.

Se porém o programma de 24 de Maio, aceito e applaudido como foi pelos liberaes, podia ser o ponto de partida de uma nova situação politica (e podia sem duvida), competia ao Sr. conselheiro Zacarias referendar a dissolução.

E' mesmo claro que dividida a camara em dous grupos quasi iguaes, não podia regularmente dar força moral a ministerio nenhum, e a sua conservação foi anomalia, que viciava o governo parlamentar.

Anomalia maior era a composição do recente ministerio.

Dous ministros tinham côr pronunciada: o Sr. conselheiro Sinimbú, liberal, e o Sr. general Polydoro, conservador, ambos cavalheiros estimaveis, mas em manifesto antagonismo politico.

Albuquerque, Maranguape, Abrantes, sisudos velhos, e o Sr. Delamare distincto nauta, eram excentricos dos partidos. E entre elles fazia-se depositario da politica S. Ex. o Sr. marquez de Olinda que disse: « Offereço como programma o meu passado. »

Palavra que suspendia os espiritos e punha em espectativa ambos os lados da camara.

Os conservadores interpretando-a pelo *passado remoto* do fundador do seu partido em 29 de Setembro de 1837.

Os liberaes pelo *passado recente* de quem apoiara o 24 de Maio.

Não é minha a explicação, mas de T. Ottoni, que dizia no senado em sessão de 19 de Fevereiro de 1864:

« Sr. presidente, nós assistimos ao nascimento do ministerio de 30 de Maio. Apresentando se o Sr. marquez de Olinda nesta casa, apresentando-se na camara dos deputados e offerecendo o seu passado, sem duvida se reportava ao passado mais recente, áquelle que mais vivamente devia estar na memoria dos nobres senadores, bem como da camara dos deputados. E qual era este passado?

« O nobre marquez de Olinda acabava de prestar seu apoio franco ao ministerio de 24 de Maio. Ora, se acaso isto era facto de dias, se o nobre marquez tinha sido tão explicito, como se podia esperar que o nobre marquez desmentisse esse seu passado, em que se havia identificado com o ministerio de 24 de Maio?

. . . .

« Portanto o nobre marquez, que tinha um passado recente desta natureza, como é que vão filial-o ao partido e ás idéas de outras épocas..»

Mais tarde este ministerio foi considerado de transição, dissolveu a camara, apoiou-se nos liberaes, e garantiu a possivel liberdade das urnas.

A liberdade possivel, digo, porque já era, e será sempre impossivel uma eleição genuina em quanto durarem a actual organisação da policia centralisada, da guarda nacional militarisada, do recrutamento e designação, e tudo adubado com a jurisprudencia eleitoral dos avisos do governo.

Reunida a nova camara em 1864, o ministerio abdicou, considerando-se elle mesmo de transição, destinado a addiar ou illudir a crise politica.

Não se póde desconhecer em tudo isto a adulteração da fórma de governo.

Durava a gestão do 30 de Maio, quando denunciados na camara pelo corajoso Sr. Saldanha Marinho gravissimos abusos na administração da alfandega, nomeou o honrado ministro da fazenda visconde de Albuquerque uma commissão de inquerito composta dos Srs. conselheiros Galvão e Torres Homem, e de T. Ottoni.

Honra á memoria do visconde de Albuquerque! Não fôra proprio de sua honestidade deixar de nomear promptamente a commissão: e a composição della prova zelo pela fiscalisação: duas grandes intelligencias dos dous partidos politicos e um representante da autoridade e das tradições administrativas.

O relatorio devido em maxima parte a T. Ottoni revelou numerosos abusos, e foi origem de muitas medidas uteis.

O ultimo biennio, que se podia então balancear, era o de 1859 a 1860, especialmente notavel pelas praticas abusivas, que tornavam faceis grandes fraudes e delapidações.

Um desses abusos tornou se famoso nas tradições da alfándega, com o nome — *despachos a calculo.*

O relatorio esclarecendo interessantes questões fiscaes deve ter sido fecundo em resultados proveitosos.

Muitos empregados foram então demittidos: parece que neste ponto a severidade do caracter do ministro um tanto prejudicou a reflexão.

Nem todos os demittidos mereciam a pena: entretanto a intenção do honrado velho era manifestamente respeitavel.

Foi em consequencia deste inquerito que o governo imperial quiz remunerar T. Ottoni com a carta de conselho, recusada como já notei, em respeito á opinião anteriormente sustentada, que não devem os membros do corpo legislativo aceitar graças do poder executivo.

Pelo mesmo tempo agitou-se profundamente a população da Côrte em consequencia do desacato das represalias feitas pela esquadra ingleza.

Era bella de ver-se a explosão do patriotismo indignado de um povo; mas devia receiar-se que sua ira nobre não podesse conter-se, nem fazer a distincção entre um governo que nos insultava e hospedes pacificos que contribuem para augmento da fortuna publica.

Qual era, perguntae-o a quantos presenciaram aquellas scenas, qual era a garantia da paz? Era o tribuno dilecto, que sabia desenvolver mas ennobrecer a agitação publica.

Onde havia um grupo mais numeroso ou mais exaltado, logo alguem, autoridade ou particular, perguntava: Onde está o Ottoni?

E onde estava o Ottoni, o governo e a nação ficavam tranquillos.

Bello momento de sua vida, magnifica recompensa de sua dedicação e patriotismo.

Ninguem na crise das represalias inglezas, ninguem prestou serviços mais assignalados á dignidade e gloria da patria.

Suspenso anormalmente no dia 30, mas não condemnado o programma de 24 de Maio de 1862, naturalmente os liberaes de tradições, e os que vinham a nós, pensamos na conveniencia de amalgamar a liga em um partido que se chamaria *progressista.*

E servida esta idéa por uma grande intelligencia chegaram a formular-se por escripto e sugeitar-se á debate as inscripções da nova bandeira.

Este projecto de programma foi lido pelo Sr senador Silveira da Motta em sessão de 6 de Junho de 1864, e desde então mais de uma vez discutido; na de 7, T. Ottoni mostrou que não fora elle definitivamente aceito, e expoz as restrições com que lhe adherira.

Veja-se esse discurso, e note-se que foi pronunciado emquanto os liberaes ditos historicos ainda não nos tinhamos separado da situação progressista Garantia de sinceridade, se a de T. Ottoni precisa de garantias.

Para definir o seu papel no periodo que me occupa terei de recordar impressões amortecidas pelo tempo, e que não desejo reavivar: fal o hei sómente no que exigir a verdade historica Em casa de D. Manoel de Assis Mascarenhas, como disse elle mesmo no senado, celebraram se as conferencias do programma, das quaes *pars minima fui.*

Mencionarei as principaes restricções que foram postas no debate.

T. Ottoni não estava satisfeito porque não se proclamava abertamente que *o Rei reina e não governa*. Não cria, como alguns de seus amigos, que tal maxima se comprehenda na responsabilidade dos ministros pelos actos do poder moderador.

Felix da Cunha reclamava mais livres fóros para a guarda nacional, e entre outras medidas pedia a elegibilidade dos postos subalternos Quem isto rememora adherindo ás duas objecções expostas, repudiara a declaração «o partido não quer alteração na constituição:» pensava que a reforma eleitoral e a parlamentar exigem retoques da lei fundamental.

Todos porém, esperando muito dos melhoramentos na legislação, que haviam sido promettidos a 24 de Maio, offereciamos apoio aos que fossem ministros possiveis, para realisal-as, com protesto de resalvar a todo tempo nossas opiniões.

Tal foi a causa por que não se publicou o programma. E porque o Sr. conselheiro Zacarias mais tarde dizia com verdade ao nosso amigo Martinho de Campos « emprestastes-me os vossos hombros para eu subir, hombros altos em tudo, moralmente, physicamente, intellectualmente »

Lêa-se o já citado discurso de 7 de Junho de 1864, de que só transcreverei um pequeno periodo :

« Chegado á tribuna, Sr. presidente, é sabido que me achei apenas com 23 ou 24 co-religionarios das mesmas idéas de outr'ora. Eramos 24 ou 25 deputados que, segundo a phrase commemorada pelo nobre senador pela provincia de Goyaz, poderiam ser appellidados historicos.

« *O Sr. Silveira da Motta*: — Representantes do elemento historico.

« *O Sr. T. Ottoni* : — Eramos na camara os representantes do elemento historico do partido liberal.

« Ora esse numero, Sr. presidente, indicava sufficientemente que por nós não poderiamos realisar nossas idéas; e então ahi estão os *Annaes* para que hoje se tem tanto appellado, ahi estão os *Annaes* ; elles que digam quaes foram as nossas aspirações. Não tivemos ambição de poder, não procuramos obter o governo que não nos podia competir, estando assim em minoria; mas dissemos que qualquer das fracções da camara, que se achasse com forças para dotar o paiz com as reformas em que todos estavamos de accordo, como muito bem disse o nobre senador pela provincia de Mato-Grosso, que hoje fallou, podia contar comnosco, porque estariamos promptos a dar apoio a qualquer ministerio que quizesse realisar essas idéas. »

A *idéa*, direi de passagem, caminhou como sempre, e já hoje não ha discrepancias entre os liberaes:

Sobre a conveniencia de retemperar o senado nas fontes de eleição.

Sobre a necessidade de tornar uma verdade pratica o theorema de Thiers.

Sobre a urgencia de reformar radicalmente as eleições, embora alterando a constituição.

Restaurado a 15 de Janeiro de 1864 o programma de 24 de Maio de 1862, *que para o momento pareceu sufficiente*, cumprimos a nossa promessa, entregamos os hombros. E sem desconhecer que difficuldades sérias embaraçaram a situação nascente, sem indagar se alguma causa permanente obsta as reformas liberaes, direi apenas que ao 15 de Janeiro não faltou maioria. Seu illustre presidente disse mais de uma vez, e dizia a verdade, que aquelle gabinete desceu por causa de uma susceptibilidade pundonorosa do ministro do Imperio, e que a votação da camara não significara hostilidade á situação.

Seguiu-se o gabinete de 31 de Agosto formado da liga progressista, mas presidido por um dos estadistas mais puros da escola liberal.

esterilidade desse quanto ás aspirações de re-
rma ficou não desculpada justificadissima pela
a curta duração, pela ausencia das camaras,
los cataclysmas que nos assoberbaram, medo-
has crises comm erciaes financeiras, e a explo-
o da guerra externa, quando todos os elemen-
s da luta estavam por crear.

Dous padrões de gloria principalmente hão
e recommendar á historia o gabinete de que
ra alma e conselho o senador F. J. Furtado.

São os batalhões de voluntarios da patria, e a
reação da esquadra encouraçada.

Considerai hoje o vulto de F. J. Furtado:
ttentai nos trabalhos herculeos que teve de em-
rehender: reflecti que muitas vezes a coopera-
ão não estava ao seu nivel: observai agora
uanto elle subiu, quanto se conserva firme na
stima publica. E dizei se tal posição póde sus-
entar-se por tanto tempo, sem grande e verda-
eiro merecimento.

Desculpe o meu illustre amigo, se offendo
sua modestia: e creia que não só o cora-
ão, tambem a reflexão calma inspira-me estas
nhas. Mais de uma vez a observação que precede
ahiu dos labios, ora meus, ora delle, nas inti
nas e solitarias conversas dos irmãos Ottoni.

A queda do ministerio de 31 de Agosto era um
germen de scisão; mas não a determinou im-
mediatamente.

O exame attento da situação provava a mui-
tos de nós que o meio de conservar unidos os
liberaes, que esperavam com tanta paciencia as
reformas promettidas, o meio de emprehender
alguma cousa de sério era a organisação de um
ministerio, qual não existiu ainda neste reinado,
representante homogeneo dos liberaes de tra-
dições: parecia T. Ottoni o homem proprio
para organisal-o.

E' certo que nesta opinião não havia unanimi-
dade entre os ligueiros nem se deu a opportuni-
dade para ser ponderada em commum, pois T.
Ottoni não foi chamado. Mas hoje talvez se re-
conheça que ao facto de não ser daquelle modo
encarada a situação se deve em parte attri-
buir ás difficuldades que impediram de organi-
sar ministerio o Sr. Abaeté, o Sr. Saraiva, o Sr.
Nabuco, e a principio o Sr. Olinda.

Não me demorarei a tratar das tentativas fa-
lhadas: depois das quaes ressurgiu o Esphynge
de 1862, eterno mystificador das situações
Dessas deploraveis occurrencias citarei sómente
o que é preciso para commemorar a firmeza com
que T. Ottoni, recusando associar-se á primeira
organisação formulada pelo Sr. marquez de Olinda
teve a vaidade, no parecer de uns, coragem civica
segundo outros, de declarar a S. Ex. que elle T.
Ottoni se sentia com forças para organisar um
gabinete, puro, liberal. Era de crêr que esta solu-
ção corrigiria os erros anteriores.

Não o entendeu assim o poder competente.

Se a pretenção era fundada, o que não inda-
garei mais, terá sido origem das desordens sub-
sequentes uma deliberação menos acertada do
poder moderador.

Se porém T. Ottoni se illudia, ficou sem duvi-
da responsavel pela attitude que assumiu, mas
assumiu-a com patriotica sinceridade.

Ao ministerio de 12 de Maio que apontou pa-
ra a guerra do Paraguay pedindo adiamento do
ajuste de contas interno, e ao de 3 de Agosto, seu
continuador, os liberaes a que depois se deu o
nome «*historicos*» com T. Ottoni á frente fize-
mos opposição, origem de pungentes dissabores.

Mas a 16 de Julho de 1868 nos foi consolação
e justificação ver a nosso lado todos os liberaes
condemnando mais uma mystificação do governo
representativo. Talvez póde então reconhecer-se
que a principal differença de procedimento
entre as fracções liberaes separadas na vespera,
era a data da desillusão.

XIII

T OTTONI PERANTE O MINISTERIO ACTUAL.

Nestes ultimos annos, o senador Ottoni foi
menos assiduo na tribuna do que era seu cos-
tume: já o acabrunhavam os soffrimentos que
nol-o roubaram.

Em 1864 gemêra longos mezes com uma grave
affecção de figado e coração, resultado (disse a
sciencia) de entoxicação miasmatica trazida do
Mucury.

Estivera á beira da sepultura; e bem que os
ares patrios, as aguas de Baependy, a consola-
ção de ser acolhido como amigo por todos os mi-
neiros distinctos, *liberaes e conservadores*, lhe ti-
vessem restituido algumas forças, a teimosa
molestia nunca cedeu de todo; seus symptomas
se manifestavam de vez em quando, aconse-
lhando ao misero doente menos dedicação a seus
deveres politicos. Elle porém lutou até que a
Providencia em seus imperscrutaveis designios
lhe dissesse—*não mais*!...

Menos frequente pois, a sua palavra entretanto fez mais do que bastava para definir sua posição na actual situação politica, em perfeita coherencia com todo o seu passado.

No dia 17 de Julho de 1868 compareceu o ministerio perante as camaras explicando-se primeiro no senado. Nessa sessão T. Ottoni não pediu a palavra porque adheriu em tudo e por tudo ao pronunciamento do Sr. conselheiro Nabuco.

Acabava eu de ouvir a S. Ex. e fortificava-me com a sua sabia lição para lavrar o meu timido protesto na outra camara, quando, ao sahir o senador Ottoni me disse estas palavras : « Ouvistes o Nabuco? Eu não pedi a palavra: porque nada tinha a accrescentar: limitei-me a applaudil-o. »

Assim a opinião do Sr. senador Nabuco sobre a situação é a de T. Ottoni. Exporei pois em extracto o notavel protesto do nobre senador : a biographia que emprehendi não póde deixar de ser um estudo politico.

Havia manifesto antagonismo entre a politica abandonada e a que se erguia.

A primeira tinha «no parlamento uma maioria liberal, constituida pela vontade nacional, tão legitima, tão legal como teem sido todas as maiorias que teem havido, e como todas as maiorias que terão de vir sob o regimen eleitoral que temos. »

Essa maioria tendia a crescer pela união de todos os liberaes ; não estava decadente.

E, pois que o ministerio descia sem condemnação dessa politica, o novo devia sahir do seio da mesma maioria. « Vêde, senhores, se não é verdadeiro absolutismo, maximè com o regimen eleitoral que temos — o poder moderador chama a quem quer para o ministerio : o ministerio faz e eleição, a eleição faz a maioria: eis ahi o governo representativo em nosso paiz. »

Peço licença a S. Ex. o Sr. conselheiro Nabuco para ajuntar alguns commentarios á sua varonil demonstração da illegitimidade do ministerio.

O antagonismo das duas politicas era manifesto.

A que foi arredada é a das reformas, versando algumas divergencias sobre o maior ou menor vagar em realisal as.

A do Sr. visconde de Itaborahy é (palavras textuaes) moderação, rigorosa justiça, respeito aos direitos de todos, fiscalisação e economia dos dinheiros publicos.

A maioria tendia a crescer com a união de todos os liberaes. Muitos destes, ministeriaes e opposicionistas, nos haviamos entendido, e bem sabiamos o meio de nos unirmos : tal o motivo do silencio da maioria na discussão do orçamento de 1868.

Se pois o ministerio se retirava por causa pessoal, outro ministerio liberal teria maioria mais forte do que o de 3 Agosto.

Entretanto, como em 12 de Maio de 1865, arredou o poder moderador esta solução, constituindo-se poder absoluto.

A politica liberal das reformas não estava condemnada, mesmo pela Corôa : vêde o que expoz sem contestação o Sr. conselheiro Zacarias :

« No dia 12 ás 2 horas da tarde Sua Magestade Imperial depois de discutir comigo o motivo da *exoneração que recusava*, recommendou que me entendesse de novo com meus collegas.

« No dia 13 de tarde Sua Magestade Imperial deu-me uma audiencia particular *na qual não concedeu a demissão pedida*, dizendo que queria ainda meditar etc.

« A 14 ás 2 horas da tarde, Sua Magestade Imperial *depois de saber que persistiamos em nosso pedido*, houve por bem conceder a demissão. »

E', claro que a Corôa consentiu na retirada do ministerio, sem desapprovar a politica representada pela camara, e sómente depois que soube que virtualmente, salva a cortezia, os ministros davam, não pediam as suas demissões. Honra lhes seja!

Alves Branco em certa occasião rectificou uma noticia de crise, declarando pelo *Jornal do Commercio*:—*Não pedi, dei a minha demissão.*

Isto posto, encerra ou não este facto politico mais uma prova de que o poder moderador é o unico poder real e effectivo no Brasil?

O ministerio não foi demittido por causa de suas idéas. Entre a camara e a *chave da organisação politica* não se dera divergencia sobre o modo de governar o paiz. Como pois se inverte a politica, e se sacrificam todas as idéas recommendadas ao corpo legislativo em tantas fallas do throno?

A verdadeira causa deve ser dita sem rebuço.

Eu sei que toda a intervenção do Imperador nos negocios publicos é irresponsavel; mas na propria redacção do artigo constitucional está claro que o irresponsavel é a pessoa, não o poder.

« *A pessoa do Imperador é inviolavel e sagrada.*

Elle (o Imperador, a sua pessoa) *não está sujeito a responsabilidade alguma.* »

Discuto pois com a sobranceria do meu direito a acção do poder moderador, sem receio de que possam enchergar em minhas palavras desconsideração ao chefe do Estado que sei respeitar: tenho dado disso provas em toda minha vida. A palavra do enigma de 16 de Julho é esta: *A prerogativa.*

O poder moderador, como é exercido presentemente, entende que o privativamente da delegação é absoluto e pessoal; crê que a escolha de senadores não tem limitações e depende só da sua vontade.

Alves Branco me disse em 1847, em presença de testemunhas que ainda vivem: «Não creia nunca que um ministro qualquer haja tido influencia em uma escolha de senador. O Imperador mantém a attribuição como prerogativa e nunca pede conselho a respeito, nem attende a observações. »

A opinião de T. Ottoni (escuso accrescentar — e a minha) era diversa.

Uma escolha de senador toca de perto a conveniencias publicas, uma das quaes é por vezes a dignidade do poder executivo.

Póde ser e tem sido um meio indirecto de manifestar a Corôa quebra de confiança em seus ministros

Estes, portanto teem o direito, antes dever, de aconselhar, como responsaveis que teem de ser pela referenda.

Se uma escolha, acaso, é indifferente á causa publica, que o gabinete se limite a pedir as ordens de sua Magestade o Imperador, nada mais simples.

Se porém as necessidades da politica, ou a dignidade dos ministros reclamam certa escolha ou certa exclusão, devem elles, parece-me, representar ou aconselhar previamente, e retirar se não sendo attendidos.

E porque não o conselho prévio? E por ventura melhor arrostar a crise do que previnil-a? Deve haver confiança na alta intelligencia do chefe do Estado.

São velhas essas opiniões, creio já o ter notado em outro capitulo: eu as consignei em 1848 em um documento, que tenho razão de saber, foi levado á presença imperial.

No caso actual o ministerio não pedia uma escolha determinada; não havia na lista um desses nomes que symbolisam uma idéa, e de que seus amigos ministros devem fazer questão de gabinete; havia somente motivos, porque a escolha de um dos tres prejudicava a dignidade dos ministros.

O ex-presidente do conselho disse em sessão de 26 de Junho deste anno:

« Tem se dito, mas é calumnia, que se queria impor um nome. Não: apresentada a escolha, a resposta foi peremptoria «deixamos de ser ministros.» Não se indicou ninguem: o que se fez foi não aceitar a responsabilidade da escolha. »

Ha sómente uma differença neste assumpto entre a opinião que sustento e a do Sr. conselheiro Zacarias. A meu ver, *o conselho prévio é uma attribuição do ministerio*: S. Ex. não pensa assim. Mas descul'pe S. Ex.; esse conselho prévio, no caso presente, ou evitaria a crise, ou tornaria mais clara a situação.

Em verdade, quando o poder moderador não condemna a politica dos ministros, quando julga do seu dever não demittil-os, praticar um acto que elles consideram prejudicial á sua dignidade é desacerto que não se devêra receiar do chefe de Estado, se estivesse esclarecido e aconselhado por seus ministros.

Só assim posso entender a *escolha não acertada*, visto não haver na lista um nome com o qual o ministerio se fizesse solidario: em verdade o illustrado estadista que merecêra ser chamado ao conselho de Estado não podia ser reputado indigno de um assento no senado.

Dissolvida a camara, e approximando-se a sessão de 1869, agitaram folhas liberaes uma questão em que o procedimento de T. Ottoni descontentou a alguns: pretendia se que os senadores opposicionistas não deviam comparecer, e sim deixar os braços livres á dictadura dominante.

Se a maioria delles assim o resolvesse, T. Ottoni os acompanharia; não é licita a duvida; mas não era essa a sua opinião.

Os senadores teem deveres a cumprir; preteril-os seria imitar a dictadura, collocando-se em posição extra-legal; seria procedimento curial no começo de uma revolução, mas de certo nenhum liberal a quer precipitar. Se alguma nuvem revolucionaria bruxulêa no horizonte, quem a fórma, quem a attráe sobre nossas cabeças é o exercicio de um poder absoluto de facto, são os desatinos dos delegados do go-

verno, é o *enleio* do Sr. presidente do conselho. O que nos cumpre a nós liberaes é preparar a opinião para, se fôr possivel, resolver pacificamente todas as crises.

Assim a missão dos senadores da opposição devia ser usar da tribuna, esclarecer a nação denunciar desatinos, e negar ao ministerio, *pois que é illegitimo*, pão e agua e ar e luz.

Tal era a opinião e tal foi o procedimento de T. Ottoni, que acreditava ter o acto despotico de 16 de Julho de 1868 arredado a possibilidade de uma opposição governamental, votando meios e transigindo de qualquer modo com uma situação illegitima.

Votou contra as leis de fixação de forças. Seu penultimo discurso, a 14 de Setembro, terminou assim :

« Se os meus pulmões m'o permittissem e o regimento me desse aberta, ficaria perennemente nesta tribuna, embaraçaria a lei do orçamento. Quero franqueza; governa o absolutismismo com mascara de lei; pois bem, tomem a responsabilidade, deixem a mascara, governem sem lei do orçamento. Continue a dictadura, e vá por conta e risco de quem pertencer. Mas, não tanto porque tema procrastinar a discussão, mas porque as minhas forças physicas não m'o permittem, não proseguirei. »

E o fecho do ultimo discurso a 25 de Setembro, quando já o prostrava a molestia foi :

« ..... conto progredir nestas observações.

« E porque todas ellas, e a situação das cousas e os desacertos do ministerio, me aconselham a proseguir no meu precedente de votar contra toda e qualquer força que peça o nobre ministro, voto contra o projecto de fixação de forças de terra. »

Enfraquecidas já suas forças, no decurso da sessão de 1869, duas unicas questões foram objecto de seu mais acurado estudo.

Foi uma dellas a estrada de ferro de D. Pedro II, sobre a qual houve de lançar um parecer, como relator da commissão respectiva. Demonstrou nesse documento, que na luta de competencia estabelecida de ha muito entre aquella via ferrea e a de rodagem da União e Industria, por effeito de erro ministerial, o Estado, dono da primeira, submetteu-se á lei que lhe quiz impôr a empreza rival, sendo sacrificados interesses publicos. Este parecer não chegou a ser discutido no senado.

A segunda e ultima questão foi o tremendo problema que está sepultando nos abysmos mysteriosos do Paraguay a fortuna de algumas gerações por vir neste malfadado Brasil.

O senador Ottoni occupou-se da guerra especialmente nas sessões de 3 e 10 de Agosto de 1868, 14 e 25 de Setembro de 1869, antes e depois do golpe de Estado.

Se em algum tempo este modesto escripto se achar entre as mãos do historiador imparcial, que deseje apreciar a guerra do Paraguay, ser-lhe-ha util a citação daquellas quatro datas, e verá que bem emprega o seu tempo em folhear os *Annaes do senado*.

As bases do estudo foram os documentos officiaes, o diario do general, as correspondencias do *Jornal do Commercio* que pareciam ter o cunho semi-official, e como informante foi citado o coronel inglez Thompson, que militou no Paraguay desde o começo da guerra até a queda de Angostura, em Dezembro de 1868.

Um militar dedicado ao Exm. Sr. duque de Caxias reclamando sob sua assignatura (com ou sem razão) contra apreciações do Sr. conselheiro Zacarias, reconheceu que os senadores Silveira da Motta e Ottoni haviam discutido a guerra com imparcialidade e elevação de vistas.

E, por sem duvida, pertencem aos dous as honras nesta questão: Deus ajude ao que sobrevive. S. Ex. tanto ou mais illustrado que o seu companheiro, igualmente patriota e com mais meios de apreciação devidos á sua interessante viagem ao theatro da guerra, póde e certo ha de conseguir que para a analyse da campanha não se tenha saudades de T. Ottoni.

Este porém julgava ter levado á maior clareza além de outros os seguintes pontos, que assignalo perfunctoriamente :

1.° Anniquilado Estigarribia em Uruguayana, se Flores e Canabarro, ou (sacrificado este) Flores e Chico Pedro, ou logo depois Flores e Porto Alegre (tres magnificas espadas rio-grandenses) invadissem rapidamente o Paraguay, *como propuzeram*, Robles encerrado em Corrientes entre dous exercitos não repassaria o Paraná, e a guerra estaria logo acabada. Era plano primitivamente de Osorio e Canabarro.

E' da mesma opinião o coronel Thompson, que conhecia palmo a palmo o terreno. E ainda ha poucos dias se lia no *Jornal do Commercio*, que o plano foi com effeito formulado, mas que um

conselho de guerra, de que fez parte o Sr. Caxias, em Uruguayana, o julgara por demais temerario.

A historia, estudando o ulterior desenvolvimento da campanha, decidirá de que lado estava a razão.

2.º Transposta Humaitá pelos encouraçados, podendo fechar-se rapidamente o cerco, e não deixar escapar um só homem, as evoluções da esquadra deixaram facilidades para evadir-se em parte por agua um exercito numeroso, e numerosa e pesada artilharia. Parecem ter sido causa deste erro esperanças depositadas na conspiração acariciada pelo Sr. Caxias e que o terrivel Lopez affogou em rios de sangue.

O coronel Thompson dedica a esta conspiração um capitulo especial, que o seu leitor percorre com avidez: tão importante é o assumpto.

Mas a impressão que deixa a leitura, ao menos a que me deixou a mim, é que Thompson era um dos conspiradores, que conseguiu até o fim illudir o seu chefe, e que o mallogro da conspiração e das esperanças que nella houvesse fundado, são a causa do odio que manifesta a Lopez e aos brasileiros.

Sua parcialidade contra nós é de maxima evidencia; e quanto a Lopez farei só uma reflexão.

Descrevendo-lhe o caracter como de um covarde scelerado, Thompson diz que só nos ultimos mezes o conheceu: entretanto, narra as suas atrocidades desde o começo da guerra com minuciosidade de quem as acompanhou data por data.

Ora, bem que as paixões que não soube o escriptor esconder lhe aconselharam negar a conspiração, não se atreveu a tanto. Copiou algumas palavras do ministro americano Washburn, e sem aprecial-as, sem nada julgar por si, resvalou-se para a narração, exagerada ou não, dos latrocinios de Lopez.

Este capitulo de Thompson remove qualquer resto de duvidas quanto á fallada conspiração.

Deixarei o episodio.

3.º No assalto de 16 de Julho, estando já Osorio dentro de Humaitá, se fosse sustentado, o sol da manhã seguinte allumiaria as bandeiras alliadas nas temerosas amêas.

4.º Em Itororó, se o plano de ataque não marcasse ao heróe Osorio (deem licença os leitores que eu não o chame visconde) um itinerario, que tornava impossivel a sua presença quando se deu o ataque, muitas mil vidas se teriam poupado.

5º finalmente. Não perseguir Lopez fugitivo de Lomas Valentinas, apenas seguido de uma escolta e tão desordenadamente que deixou archivos, bagagens, o seu testamento, e a sua querida Mrs. Linch, deixal o ir em tal occasião, é ficar responsavel por todo o dinheiro gasto desde então, e por todo o sangue desde então derramado nos devastados campos do Paraguay.

Não citaria a este respeito o parcial Thompson, se o que elle diz não coincidisse com a participação official do Exm. Sr. Caxias.

Desculpe-me S. Ex., o Sr. duque: como o seu fallecido collega, eu estou longe de duvidar da bravura de S. Ex. e de que fizesse grande sacrificio marchando para a campanha. Mas a historia ha de tomar severas contas de seu procedimento.

E á historia tocará decidir, se a direcção geral das cousas militares não se ressentiu deste pensamento reservado: *confiscar para um partido politico a gloria de ter vencido o Paraguay.*

XIV.

CONCLUSÃO.

Entre as numerosas accusações que em vida foram feitas a T. Ottoni, deixando de parte miserias, sobresáe esta: *era anarchista, perturbador da ordem publica.*

Vejamos em resumo.

Foi rebelde, como o Sr. Caxias, em 7 de Abril de 1831: a victoria fez dos rebeldes heróes.

Foi rebelde em 1842: mas em Santa Luzia, apenas reconheceu que a nação não acompanhava o movimento, poz-lhe termo, entregando-se.

Disse Marinho, e provou-o:

« Se Theophilo Ottoni aceitasse a presidencia e se retirasse com o general rebelde, a derrota de 20 de Agosto seria apenas um revez. »

Consultado por Canabarro sobre a terminação da guerra civil no Rio Grande, suas palavras, disse aquelle valente militar, « foram o pharol que conduziu os rio-grandenses livres ao porto de salvação. »

Nas eleições de 1860, na crise das represalias inglezas, todas as vezes que o tribuno se via á frente do povo, sua palavra, seu *lenço branco* communicava á agitação os caracteres das de O' Connell.

Singular anarchista!

Ah!..disse um visionario: « Cego, o Imperador não vê que no caso de uma revolução em Minas o Mucury será o quartel general da demagogia. »

Acudiram a proposito!...

Terminemos, que é tempo.

No dia 5 de Outubro, appareceu o nosso amigo no senado, onde tinha a palavra para continuar na sua insana e patriotica lida.

Mas as feições estavam decompostas pela doença, a infiltração se desenvolvêra, os traços da physionomia revelavam profundas lesões organicas.

— Não, meu amigo, disse lhe o verdadeiro amigo senador Furtado, basta, vae tratar-te, estás doente.

— Eu vinha mesmo dizer-te que não posso mais, que me substituas na tribuna.

E nesse mesmo dia prostrou se no leito, que a 17 de Outubro se tornou em leito funerario.

Conservou até os ultimos momentos a integridade das faculdades intellectuaes.

Expirou tão suavemente, que por alguns minutos não se podia distinguir se adormecia, ou finava-se.

As demonstrações de saudade de assembléas provinciaes, de camaras municipaes, de sociedades politicas, do povo, de cidadãos eminentes, da imprensa, dos oradores e poetas, da nação em summa; e as preces piedosas, os santos sacrificios, as harmonias religiosas, a voz dos levitas do Senhor; todas estas manifestações tão uniformes, tão cheias de uncção, formam o depoimento dos contemporaneos, com que a memoria de T. Ottoni se apresenta á posteridade. Depoimento unanime e contesto em um ponto: foi um varão justo e forte.

Dir-se-hia que em suas lutas conscienciosas houvesse pairado sobre sua cabeça esta voz do Alto:

Dominus tecum, virorum fortissime... vade in hac fortitudine tua .. Ego ero tecum. (1)

(1) Do livro dos juizes.

TYPOGRAPHIA DO—DIARIO DO RIO DE JANEIRO—RUA DO OUVIDOR N. 97.